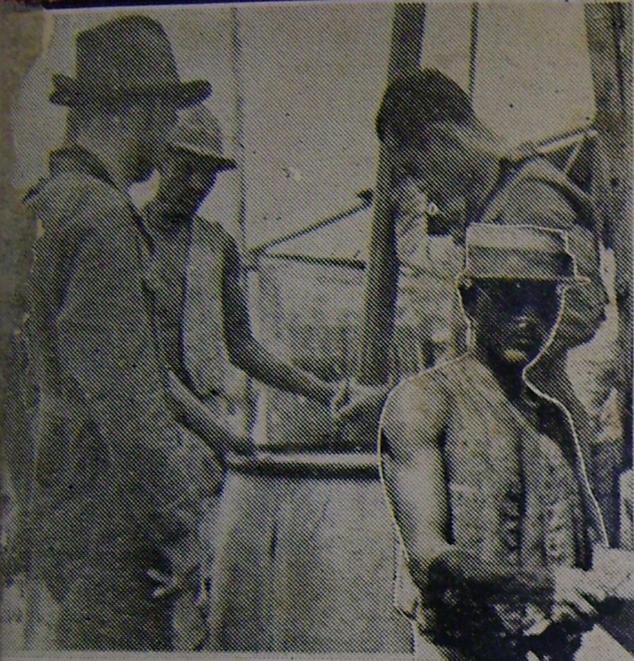


*seiva*



Acabou-se a lenda:  
"No Brasil não ha petroleo"

# CORTUME VICTORIA LTDA.

## ESCRITORIO CENTRAL:

Rua Cons. Lafayette 22 A—1.º 2.º and.—Codigos: RIBEIRO E MASCOTTE 2.ª EDIÇÃO  
End. Teleg. "OYAMA" — Tel. 1936 — BAHIA

## FABRICAS:

### Rua Uruguay, Praia Grande e Feira de Santanna

Secção Praia Grande: *Vaquetas ao chromo e ao tannino, sola engraxada e para calçado; raspas para tamanqueiro, envernizadas, seccas e para pastas.*

Secção de Feira de Santanna: *Carneiras brancas e tinturadas, cabras ao vegetal para tressé e ao chromo tinturadas para calçados e forros.*

Secção Rua Uruguay: *Mestiços, camurças e pellicas*

Deseja trajar-se bem? Procure **GUSTAVO REIS**

ALFAIATE

RUA JULIO ADOLPHO, 1 - 1º (Antiga Algibebe) TEL. 2748



## 1ª FABRICA BAHIANA DE ESPELHOS

Vidros em laminas de  
todos os typos e cores

Molduras modernas  
para quadros — artigos  
religiosos

FILIAL E FABRICA:

AVENIDA 7, N.º 61  
TELEPHONE 4022

# SEIVA

MENSAGEM AOS POVOS DA AMERICA

REVISTA MENSAL DE CULTURA

ANO II

SETEMBRO, 1940

NUMERO 7

DIRETOR:  
JOÃO DA COSTA FALCÃO

REDAÇÃO  
RUA LOPES CARDOSO, 16 - 1º ANDAR

## INDICE

<i>Do Liberalismo ao Planismo</i>	— CARLOS DE MELLO	4
<i>O Preto Serafim caiu do andaime</i>	— ROSSINE CAMARGO GUARNIERI	16
<i>Os Estados Gerais</i>	— V. VLADIMIR	17
<i>Reflexões sobre Sosigenes Costa</i>	— JOÃO MONTENEGRO	19
<i>Conversa sobre Euclides da Cunha</i>	— AMERICO ALBUQUERQUE	21
<i>O verdadeiro conceito da literatura</i>	— PAULO PALATNIK	23
<i>Siembra</i>	— MIGUEL OTERO	25
<i>A Lição do Petroleo</i>	— NELSON DE SOUZA SAMPAIO	29
<i>O panteísmo dos negros do Recife</i>	— CLOVIS CAMARÃO	31
<i>As minas de ouro da Bahia</i>	— VALDEMAR ALMEIDA	34
<i>O Humanismo de Euclides da Cunha</i>	— ANTONIO OSMAR GOMES	36
<i>"Yes, nós temos petroleo"...</i>	— GAY MARQUES PORTO	39
<i>Técnica de informação</i>	— ANTONIO MARQUES JUNIOR	41
<i>Como se trabalha numa fabrica japonesa</i>	— KURT KLABER	43
<i>Livros Novos</i>	— DIVERSOS	46

## NOTAS DE REDAÇÃO

Nossa Capa — Um ano de vida — Mulheres e crianças nas minas do japão — Esboço da historia do petroleo do Lobato—O cus'io da guerra — A juventude no movimento mundial pela paz — A guerra e a economia nacional — A crise politica da prata — Pensamento e realidade — Esporte nos suburbios — O livro ocidental na China

A DIREÇÃO NÃO SE RESPONSABILIZA, ABSOLUTAMENTE, PELOS ARTIGOS ASSINADOS

BAHIA

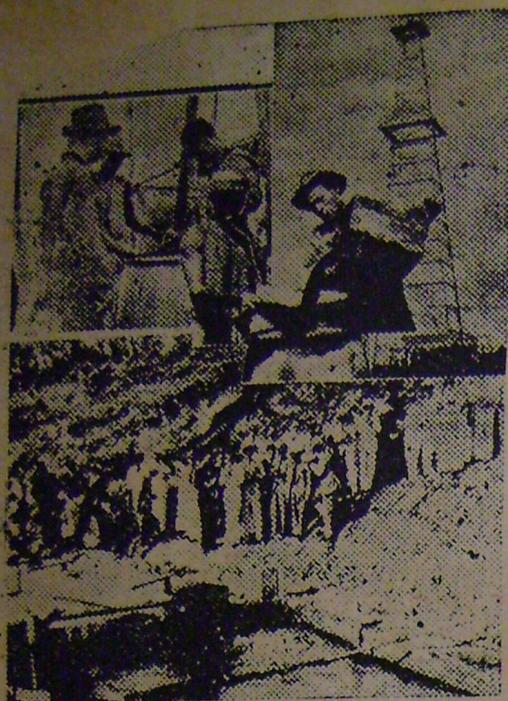
PREÇO  
1 \$ 5 0 0

BRASIL

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA CENSURA



# NOSSA CAPA



*A nossa maior ambição é esclarecer. Traduzir para o povo os enigmas das forças de produção e das relações comerciais entre os povos. No Brasil, então, a necessidade disto transparece palpitante. O povo está alheio á situação nacional e ás possibilidades economicas de nosso país.*

*Pois bem, dando um passo no sentido de concretizar este desejo é que reiniciamos a publicação de "Seiva", dedicando-a ao Petroleo: a nossa grande riqueza economica.*

*È necessario que todos saibam que o petroleo, ao lado da exploração da siderurgia, representa um dos fatores funda-*

*mentais da nossa emancipação economica. A sua exploração, e isto se deve repetir muitas vezes, proporcionará uma economia para o nosso país de centenas de milhares de contos de reis ouro, que saem anualmente para os exportadores desse combustivel, aliviando, assim, a nossa economia e dando logar á applicação deste grande capital a outros ramos da riqueza nacional.*

*E esta economia ainda se torna mais necessaria nas condições creadas pela guerra. Hoje, quando ela se alastra tragicamente por um grande numero de países, os seus reflexos na nossa economia assumem proporções assustadoras e perigosas. O desaparecimento de grandes mercados europeus consumidores de produtos basicos da nossa exportação, como o café, o fumo, o algodão, o cacau, a borracha e outras materiaes primas, constitue uma seria ameaça para a vida do país. Nosso atrazo industrial, promove, por sua vez, a necessidade de importar grande quantidade de produtos manufacturados indispensaveis ao consumo nacional. Si não tomarmos medidas urgentes, esta desproporção creada pela guerra entre a exportação e a importação, deixará aquela em deficit. Este deficit na balança do comercio externo, agravará a sua situação, ocasionando uma maior desvalorisação da moeda.*

*Disto tudo se conclue a necessidade urgente de explorar comercialmente o petroleo, que impedirá, como ja vimos, a canalisação para o exterior de uma vultosa soma das nossas reservas monetarias.*

*O nosso petroleo poderá, tambem, não dizemos imediatamente, mas, para futuro proximo, ser muito mais barato — e a possibilidade desse barateamento é bastante compreensivel — facilitando os nossos meios de transportes, aumentando a sua quantidade e diminuindo o seu preço. E deste fato decorrerá, necessariamente, um sensivel desenvolvimento e aproveitamento das nossas forças de produção, podendo-se, desta maneira, mais facilmente levar a termo a exploração agricola, mecanizando-a, desenvolver as nossas industrias, por força do combustivel e do ferro, e, consequentemente, equilibrar o nosso mercado e a nossa moeda.*

*Resultado imediato de tudo isto: melhoria do nivel de vida de todas as classes, aumento dos salarios, maior poder aquisitivo da moeda, pela sua valorisação, enfim, progresso e bem estar gerais. E é esta a razão de ser da nossa capa: ela é o simbolo de um Brasil prospero e de um povo mais feliz.*

«SEIVA» entra no seu segundo ano de vida. Um ano de experiencia, luta e suor. Contudo, reiniciamos a nossa labuta com mais coragem, porque com mais convicção da necessidade desse nosso esforço. A consciencia no trabalho, seja intelectual, seja fisico, é o fator basico da sua continuidade e eficiencia. E essa nossa consciencia é o produto de uma observação fria, detida e profunda da situação nacional e do papel da imprensa.

Apesar dessa paralisação, por alguns meses, da saída de nossa revista, só a sua existencia representa uma grande vitória, se olharmos para as dificuldades e obstaculos, com que se depara uma revista honesta: da parte economica á intelectual. Estamos cercados de uma completa preguiça e incompreensão dos nossos homens cultos, e da quasi inexistencia de publicidade, impossibilitando a aquisição de meios para manter-se qualquer publicação.

Procuraremos, entretanto, dar um maior seguimento á saída de «SEIVA», e então, olharemos com mais cuidado para os problemas nacionais, dizendo-os sempre ao povo, que os ignora, porque não lê nem deles ouve falar, afim de que se possa esclarece-lo. Sem a compreensão desses problemas não se dá um passo avante. Nas escolas nada se diz, na imprensa muito menos; livros tambem não os ha. E é vendo isso, e muita coisa mais, que estamos aqui firmes, no desejo de contribuir concientemente para a resolução das nossas questões. Não collocaremos em plano secundario os problemas fundamentaes da nossa economia, como os do petroleo, da siderurgia, do credito agricola e proteção aos lavradores, da especulação criminosa dos generos de primeira necessidade (feita pelos monopolisadores), do aumento do custo de vida, da legislação social e da nossa posição em face ao momento atual da guerra, como até agora o tem feito a quasi totalidade da imprensa nacional. Não nos esqueceremos tambem de derrubar os falsos conceitos que a imprensa creou da guerra, procurando atrair para este ou aquele grupo de paizes beligerantes, a simpatia e o apoio do povo brasileiro, quando nesta guerra a nossa atitude deve ser a da luta pela paz e pelo nosso desenvolvimento economico.

Olharemos com dureza para a literatura nacional, tão cheia de grupelhos de "elogios mutuos" e para essa infinidade de literatos indecisos e oportunistas, que nunca tomam por lema principios solidos e consequentes, mantendo-se indiferentes á situação nacional e internacional, quando ao intelectual cabe papel importante na vida dos povos.

\* \* \*

Uma revista desta feição, por menos que pareça, é de fato, uma obra coletiva, dependendo do meio em que surge. Ela vive em função dos seus colaboradores e leitores. Por isso é necessaria — e isto esperamos — a colaboração de todos os que queiram com a sua cultura contribuir para esse nosso desejo de esclarecimento. Assim, «SEIVA» franqueia as suas paginas a todos os individuos honestos da America, procurando cada vez mais aproxima-los na resolução das questões comuns deste continente.

O liberalismo economico, em síntese, está nestas três proposições formuladas por Adam Smith:

- 1 — o interesse individual é o elemento primario da sociedade;
- 2 — os homens possuem identicos direitos, no mesmo plano de igualdade;
- 3 — a intervenção do Governo na industria e no comercio deve reduzir-se á minima expressão.

Quando o teorico maior da Escola Liberal enunciou os principios basicos da doutrina traduziu, apenas, em formulas, os

# DO LIBERALISMO

interesses e as aspirações de uma classe que reclamava o seu lugar ao sol.

Então, as forças produtivas da humanidade estavam freiadas. O sistema economico dominante lhes entrava o desenvolvimento. Elas se esforçavam, entretanto, por destruir o envolvero que as comprimia.

Foi, surpreendendo, clarividentemente, o conflito de que era teatro a subestrutura economica da sociedade, que os economistas da epoca sistematisaram principios para legitimar a eclosão das forças novas, impacientes por se desenvolver.

O desenvolvimento das forças produtivas estava peiado, sobretudo, pela intervenção onimoda do poder publico. Por isto, o grande problema consistia em remover os obstaculos que o Estado antepunha ao livre desenvolvimento das forças economicas. A não ingerencia estatal assumia, na epoca, as proporções de um interesse vital.

A não intervenção se apresentava como a antítese á tese intervencionista cuja destruição se fazia necessaria, como uma composição irresistivel do proprio movimento dialectico da humanidade.

Por este motivo, o interesse individual foi, então, erguido á altura de movel principal, senão unico, da evolução social. Consequentemente, os economicistas liberais unanimemente considera, como perturbadora dessa evolução e contraria á ordem natural das coisas, qualquer ingerencia do Estado no setor economico. Não foi, pois, sem fundamento que Adam Smith advogou o principio de que a intervenção estatal deveria ser reduzida á minima expressão.

Mas, o que representava, no momento, uma necessidade historica e so-

cial não podia ter, entretanto, o carater de uma necessidade eterna. As condições sociais da epoca exigiam, realmente, a libertação do homem dos tentaculos do Estado, e impunham severas limitações á ação deste. O erro do liberalismo está em considerar a intervenção do Estado como nociva, qualquer que seja, e em todos os tempos.

O intervencionismo era, evidentemente, contrario aos interesses da sociedade, na epoca em que os teóricos do liberalismo começaram a criticá-lo.

Mas, os interesses da sociedade de então não são os mesmos que os da sociedade de hoje.

A prova de que o principio de não ingerencia está condicionado ao meio historico e social é que elle já não traduz os interesses e as aspirações da sociedade atual. Contra o principio se rebela, como, outrora, se rebelou contra o sistema economico dominante, contra

## CARLOS

a tese intervencionista, o homem.

A despeito, porém, da reação estatal, as forças produtivas, em gestação na economia medieval, lograram, afinal, se impôr, rompendo o envolvero que as continha, implantando-se, então, uma nova forma de produção.

A livre concorrência, estimulando a iniciativa privada, transformou o mundo numa arena onde os espetaculos da luta pela vida se desdobravam ás vistas e sobre os aplausos de um assistente que não podia descer das arquibancadas: o Estado. Progrediram os meios de produção, aperfeiçoou-se a tecnica, o homem realizou milagres.

Mas, nesse regime tão promissor, a economia se tornou anarquica. A iniciativa individual, livre de qualquer controle, intensificou espantosamente a produção. Todos queriam produzir e produziam o que queriam. Mas a febre de produção, que era uma febre de lucros, teria de produzir, forçosamente, um resultado desastroso. Sobrevieram as crises, com um carater impressionante de periodicidade. A uma epoca de florescimento industrial sucedia uma crise de efeitos funestos para a propria estrutura economica da sociedade.

A repercussão desses colapsos economicos no campo social tem sido formidavel. Cerrando as portas, as fabricas lançam na rua milhares de trabalhadores, suscitando e agravando o chomage. A miseria e a desilusão se apossam do homem. São as consequencias das lutas, da competencia que se fazem sentir dolorosamente.

É, então, que esses mesmos industriais que lutavam entre si para vencer no mercado, compreendem a necessidade de se unir. Assim se passou do regime da livre concorrência para o regime do monopólio. As empresas se uniram em associações monopolizadoras. Surgiram os "cartels", os "trusts", os "koncerns". Organizadas estas associações, espraíram-se pelo mundo inteiro.

Os capitalistas pretenderam, por este modo, dirigir a economia, sanando os males do anarquismo liberal.

Mas, a luta não cessou, porque se transportou, para outro plano, agigantando-se.

A conquista de mercados foi objeto de empreendimentos imperialistas dentre os quaes ficaram tristemente ce-

## DE MELLO

lebres as guerras de conquista.

A principio se acreditou que a economia organizada pelos capitães da industria lograsse cessar os desastrosos efeitos do liberalismo economico. Mas, o capitalismo organizado, por meio de monopolios, não solucionou os problemas que desacreditaram a economia liberal, quando não pode resolve-los. As mesmas crises se sucederam, desapontando a plutocracia bancaria, industrial e seus lacaios.

senhor. A luta por êste objetivo tem assumido aspectos diversos. Ora se apresenta como uma tentativa de controle da economia pelo Estado, como acontece nos regimens facistas. Ora como a subordinação da economia a um plano, como se pratica nos países socialistas. Ora, estabelecendo principios aos quaes se deve subordinar a economia, como se vê nos varios planos que têm surgido ultimamente.

De qualquer sorte, ha orientação da economia. Ha, hoje, a convicção generalizada de que esta deve obedecer a um plano. O planismo domina os espiritos.

O numero de planos salvadores é infinito. Alguns foram ou estão sendo realizados. E' o caso por exemplo, do primeiro, segundo e terceiro planos quinquenais da U. R. S. S. e do plano sexenal dos E. U. Mexicanos. Outros, porem, continuam, ainda, no papel. Nesta situação se encontram o plano Belga de De Man e os varios planos dos partidos politicos e grupos intelectuais da França. E', sobretudo, nesta nação que o planismo tem encontrado grande numero de adeptos, tornando-se, mesmo, obsessivo.

Dentre a multidão de planos franceses merece um registro os elaborados pela C. G. T. (Confederation Generale du Travail), C. F. T. C. (Confederation Française des Travailleurs Chrétiens), o plano da União Socialista e Republicana o do Front de 18 Abondance e o da Ordre Reel.

A C. G. T. é uma das organizações operarias mais poderosas do mundo. Tendo engrossado extraordinariamente as suas fileiras com a ascensão ao poder do "Front Populaire", as suas deliberações revestem-se de uma excepcional

# A O P L A N I S M O

O homem continua o juguete das forças economicas; "ele assiste impotente a ação cega dessas forças; desfruta as fases de prosperidade sem poder regulá-las; sucumbe nas crises, sem ter podido prevenil-as até então". São essas forças, das quaes è escravo, que o atiram irremediavelmente ás "debacles", de que se safa, com penoso esforço, para recair, pouco tempo depois.

O grande problema é, pois, a dominação das forças economicas pelo homem; a passagem deste de escravo a

importancia. A C. G. T. resolveu organizar um plano para dirigir a economia. Dois grandes problemas preocuparam-na, de inicio: o desemprego e o nivel baixo dos salarios. Para soluçiona-los, a C. G. T. estima necessaria uma politica de grandes obras e a reconstrução do poder aquisitivo das massas consumidoras. E' preciso, pois, dar trabalho aos desempregados e pagar melhor aos que trabalham. Assim, estes consomem mais, e, por isso, a industria prospera. O velho Ford já havia percebido isso.

Mas, si a C. G. T. pretendesse resolver a questão economica com estas duas soluções, tão somente, não seria planista. E, entretanto, ela tem um plano. Em linhas gerais, esse plano consiste em dirigir a economia, sem estatiza-la, completamente. A primeira medida para se efetivar a direção deve ser a nacionalização dos bancos porque, segundo afirma Belin, são os bancos "que favorecem ou freiam o desenvolvimento das empresas", desde que são estabelecimentos de credito. O capital será, assim, controlado pelo Estado. Em seguida devem ser racionalizadas "as chaves da economia", isto é, tudo o que, hoje, é indispensavel ao desenvolvimento das industrias: as materias-primas, a energia motora, os transportes, os seguros, a publicidade. Dirigem-se, deste modo, "as industrias de base, essenciaes á vida coletiva", diretamente, e se controlam, em consequencia, as demais, indiretamente. Para realização dessas tarefas, a C. G. T. julga necessaria a criação de um instituto superior de economia, "de constituição democratica". Não se aniquila, pois, a iniciativa privada, nem se estatiza integralmente a economia. Ha, nesse plano, um pouco de socialismo como ha um pouco de liberalismo.

A Confederação Francêsa dos Trabalhadores Cristãos se deixou tocar, tambem, pelo planismo. E organizou o seu plano em 1936. Do ponto de vista conservador, ele é mais moderado do que o da C. G. T. Mas, com este apresenta muitas semelhanças. Assim é que preconiza, igualmente, a criação de um Conselho Nacional Economico com as funções de: "regulamentar a economia, organizar e fiscalisar os mercados, controlar o credito, fiscalisar a diplomacia economica, estudar previamente e fiscalisar os acordos comerciais". O plano da C. P. T. C., visando reconstruir a economia, não se ajusta, entretanto, nos principios gerais contidos nas enciclicas "Rerum Novarum" e "Quadragesimo Anno" que são, como se sabe, a fonte imperativa da doutrina social catolica. Na parte referente á condição dos trabalhadores, essa filiação doutrinaria é completa, embora a Confederação agrupe trabalhadores protestantes, e, até maoetasanos (Africa Setentrional).

Outro plano interessante, com afinidades, com os dois já registrados, é o da "Union Socialiste et Republicaine". Seu objetivo é, como o de todo o plano, dirigir a economia, mas, tambem, "salvar,

no liberalismo economico, o que ele tem de melhor, o que tem de provavel ao progresso", salvaguardar, numa palavra, o aspecto humano do liberalismo economico. A sua idéa fundamental é a restauração do poder de compra, que deverá ser obtida com a eliminação da concorrência dos preços, é a fixação do "preço social". Este preço social, de virtudes magicas, será "determinado em função do interesse geral" por um Conselho Economico, com funções coordenadoras e arbitrarías. Ter-se-ia, assim, ao lado dos três poderes classicos, um quarto denominado: a "Executiva da Economia". No "plan francês" se cogita, ainda do controle dos bancos e do "desaparecimento progressivo do credito". Em suma, economia dirigida, sem estatização. A União Socialista e Republicana não quer "marchar com passo cadenciado nem pensar em serie".

Ha, na França, varios grupos, preocupados com o problema economico, que se singularizaram por cuidar da distribuição da riqueza, antes que de sua produção, como acontece com os outros. Esses grupos se uniram para formar o "Front de Abondance". São, dentre outros, a Liga do Direito ao Trabalho, a Liga do Direito á Vida, as J. E. U. N. E. S. (Jeunes Equipes Unies pour une Nouvelle Economie Sociale), Dynamo e Nova Era. O "front" da abundancia afirma como principios gerais de sua doutrina que: a) chegou a era da abundancia; b) terminou a economia de Troca; c) a economia deve passar da troca á distribuição. A era da abundancia chegou porque os progressos da Technica já permitem que todos vivam bem. A economia da troca está se findando porque a diminuta capacidade aquisitiva da massa está reduzindo o consumo a tal ponto que os proprios capitalistas, já não realizam lucros. Por isso é preciso substituir a economia de troca por uma economia distributiva, em que os produtos possam ser consumidos. O "front de la Abondance" pretende instaurar, assim, "uma democracia de consumidores" dirigida e administrada por conselhos cujos membros seriam escolhidos diretamente por esses proprios consumidores. Estes conselhos comunais, por delegação direta, escolheriam, por sua vez, os membros componentes, dos conselhos intercomunais; estes, os dos Conselhos Regionais, os quaes delegariam poderes ao Estado "para a coordenação dos esforços no que tange á ener-

gia, materias-primas, ensino etc". Nada, pois, de estatismo. Contra o totalitarismo, por uma gestão democratica.

O plano da "Ordre Reel" do grupo "Travail et Liberté", elaborado por Belime, é dos mais interessantes. O seu autor se insurge tanto contra o dirigismo patronal quanto contra o dirigismo estatista, nas suas duas formas, a moderada (o da C. G. T. o de De Man, etc.) e a radical (da URSS). Os primeiros, utopicos. O segundo, absorvente, porque mata o individuo; "de um lado, quimeras, de outro, uma solução applicavel, mas, des-huma." Belime quer dirigir a economia, mas conservar intacta a liberdade. Ele se revolta, assim, contra o estatismo. Admite, mesmo, a concurrencia patronal, contanto que não seja em detrimento do consumidor.

Em todos estes planos nota-se uma preocupação conciliatoria. Neles se reconhece a falencia dos principios do liberalismo economico. Mas, por outro lado, não se deseja abandona-los, totalmente. Acredita-se que esse liberalismo ainda, tem alguma coisa de aproveitavel. Esta homenagem que se presta á velha doutrina é, antes, o receio do estatismo do que propriamente a convicção de que alguns dogmas liberais ainda podem governar a economia. Dai o compromisso, visível em todos os planos, entre a tendencia estatista, inherente ao planismo, e a tendencia liberal, sobrevivendo ao lado dos seus destruidores. A concessão que os planistas francezes fazem á economia liberal, dentro de uma nova ordem que lhe é infensa, traduz, evidentemente, um dos aspectos mais curiosos da luta que se está travando entre o individuo e o Estado, entre a liberdade e a autoridade, em todas as esferas da vida social. E esse interesse em conservar a liberdade, em salvaguardar os direitos individuais é, sob todos os pontos-de-vista, elogiavel. Não é só o

homem francês que "precisa dos 30% de anarquia indispensaveis para respirar e viver normalmente". Mas, o homem de todas as raças.

O desejo de conciliar o bem estar economico da humanidade com o seu direito de viver livre pode-se concretizar, entretanto, sem o hibridismo incompreensivel desses planistas teoricos. Porque eles não compreenderam o problema. Não é possivel conservar principios que informam uma determinada ordem social em outra visceralmente contraria, ou pelo menos, diversa. O grande erro cujas consequencias se estão fazendo sentir de modo cruel, na sociedade atual, é o de "ter ela realizado o paradoxo de fazer funcionar meios-de-produção modernos em formas de propriedades inadequadas; "é o mesmo que colocar um motor de avião numa velha diligencia".

Atualmente, repetem-se os mesmos acontecimentos, de seculos atraz. As forças produtivas querem se libertar da prisão em que estão enclausuradas. E' a propria estrutura social que as asfixia e recalca. O socialismo, portanto, dar-lhes o competente alvará de soltura. Somente quando estiverem livres é que é possivel guia-las, traçar um plano para seu desenvolvimento. Sem isso, os planos fracassarão irremediavelmente. Razão assiste, incontestavelmente, á aquelle francês espirituoso quando afirma que os planistas a De Man são planistas como os curandeiros são medicos.

Ora, a libertação dessas forças não implicará no aprisionamento das liberdades populares nem na eliminação do individuo porquanto, resolvendo a contradição "entre a liberdade formal e a sujeição efetiva" elas imprimirão a essa liberdade um conteúdo novo, muito mais concreto, e darão ao individuo a possibilidade de uma expansão maior de sua personalidade.

## MULHERES E CRIANÇAS NAS MINAS DO JAPÃO

*Nas minas japonezas estão a trabalhar nada menos de de 7.000 mulheres e rapazes, e este numero vai ser imediatamente aumentado para mais de 20.000. As mineiras devem ter mais de 25 anos de idade enquanto os rapazes podem começar a trabalhar desde os 14 anos.*

*Como em nenhum outro paiz se permite o trabalho de mulheres e rapazes nas minas de carvão e nas de ferro, as autoridades mostraram-se muito embaraçadas, e dizem tratar-se unicamente de uma medida temporaria.*

(Informação baseada numa notícia do "Japan Advertiser" diário americano de Tokio)

# Esboço da Historia

O oleo á procura do homem — Presente de Natal para o

O petroleo bahiano nasceu com o seculo XX.

Já em 1902 engenheiros nacionaes e estrangeiros se interessavam pelas sondagens do Maraú, afirmando, talvez otimistamente, Gonzaga de Campos que a perfuração não precisaria ir a 150 metros e o oleo esverdeado brotaria.

Ha 50 anos se falava no gaz de Maraú, que era utilizado pelas populações da região, em forma bruta.

Mas os interesses opostos vinham de outros seculos... E hoje ainda o petroleo de Maraú, "camoufiado" pela turfa, vive na lenda:

*No Brasil não ha petroleo —*

foi uma frase que fez epoca, adquirio prestigio e foros de cidade e, se não continua é porque o petroleo do Lobato a desmoralizou fragorosamente.

## NO LOBATO

O Lobato, mais proximo da Capital bahiana teve por si, alem da iniciativa particular de Oscar Cordeiro, a imprensa.

Mas Oscar Cordeiro é que foi na verdade o pioneiro. Quando se contar a historia do Petroleo brasileiro, com sinceridade, então a figura de Oscar Cordeiro aparecerá em primeiro plano como um dos batalhadores pela emancipação economica do País.

Em 1933, numa profundidade diminuta, aflorava o oleo no Lobato. Foram remetidas amostras para os tecnicos no Rio. E os tecnicos declararam que, de fato, era petroleo mais esse petroleo teria sido adquirido pelo sr. Oscar Cordeiro no exterior... No entanto, esse oleo "estrangeiro" foi exposto nos mostruários da Bolsa de Mercadorias da Bahia, e ainda hoje lá está. Oleo absolutamente igual ao que se retira atualmente.



O ministro Osvaldo Aranha quando examinava os primeiros jatos do petroleo do Lobato

# do Petroleo do Lobato

**Brasil — Operando milagres — Frase que se desmoralizou**

Somente em 1937, depois de todas as evidencias, decidiu-se o governo federal a mandar uma sonda para a perfuração do Lobato.

Nessa mesma época, o engenheiro Eugenio Boudot Dutra vinha realizar estudos geologicos nos terrenos do Lobato, apresentando em seguida um relatório ao Ministerio da Agricultura sobre os resultados a que chegara, resultados francamente otimistas. Era impossivel ocultar mais a existencia do petroleo nacional.

## NOVA PERFURAÇÃO

Em poucos mezes, porém operava-se uma transformação completa nos trabalhos de pesquisas do sub-solo no Brasil. A nacionalização do sub-solo impedia que Oscar Cordeiro prosseguisse suas sondagens leigas, morosas, porém eficientes, reveladoras de uma evidencia, pelo menos.

A sondagem do poço numerado como o 163 começou em julho de 1938, sob os auspícios do governo federal, dirigida pelo engenheiro Custodio Braga Filho. E apesar de todos os contratempores nos serviços de pesquisas e perfuração, o petroleo jorrava á tarde do dia 21 de janeiro de



Os primeiros barris de petroleo acabam com a lenda: "O Brasil não tem petroleo"

1939, aos 208 metros e 14 centímetros de profundidade.

Viu-se então, que o interesse pela exploração efetiva da formidável riqueza combustivel não pertencia mais apenas a algumas pessoas, isoladamente, mais a todos os brasileiros. Os jornais de todo o país embandeiraram a nova sensacional, durante dias seguidos. E começou a ser contada a historia do petroleo brasileiro, que ainda não terminou.

## MATERIAL MODERNO

Três meses depois do aparecimento do ouro-negro na Bahia, visitava a região petrolifera do Nordeste o Presidente do Conselho Nacional do Petroleo, general Horta Barbosa. Foram então, itensificados os trabalhos, que passaram a ser feitos diuturnamente. Alguns mezes mais tarde, chegaram ao Brasil três novas sondas,

vindas da América do Norte, acompanhadas por vários técnicos em perfurações. Duas dessas sondas vieram para a Bahia, ficando a outra em Alagoas, na Praia de Ponta Verde. Material moderno, não demorou muito para que vissemos novamente o petróleo jorrar no Lobato, agora com mais ímpeto, embora, também, a pouca profundidade.

Foi o presente de Natal que teve o Brasil.

### POÇO COMERCIAL

A' meia noite de 31 de Dezembro último, o Presidente Getúlio Vargas externava sua decisão de prosseguir na exploração do combustível nacional, uma vez constatada a

comercialidade do novo poço do Lobato, o B-3, cuja produção diária, conforme declaram os técnicos, é de 24 mil litros.

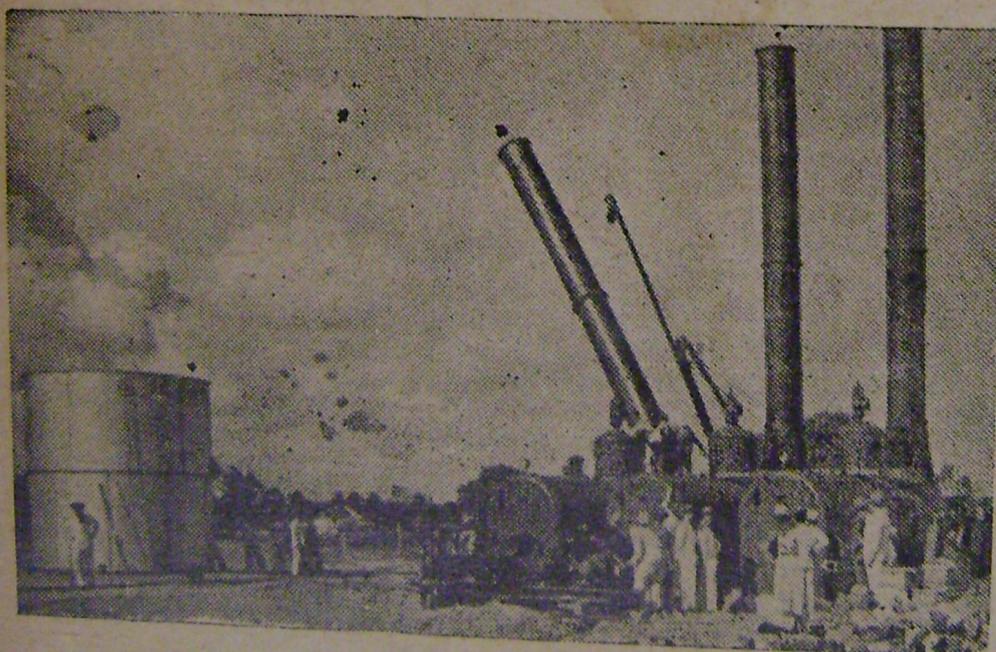
### PROSSEGUEM OS TRABALHOS

O material que temos, no entanto, ainda não é suficiente, para trabalhos de exploração. Possuímos apenas material para estudos. Assim é que afim de abrir novo poço á procura do centro da bacia petrolífera, foi necessário desmontar a sonda B-3 e localisá-la mais ao sul, onde está sendo feita mais uma perfuração.

### NOUTROS LOCAES

Ao mesmo tempo, estão realizando-se perfurações na Vila Militar e na Ribeira. A primeira, com uma das sondas modernas, já atingiu a 1500 metros de profundidade, mais ou menos, sem contudo aparecer vestígio de óleo. A outra, sonda que já serviu em Camassari, não chegou ainda aos 300 metros...

Continúa a sondagem em Alagôas. A de Camassari parece definitivamente abandonada. E em Marauá ha apenas TURFA, na opinião do sr. Guinle...



Um aspecto da pequena maquinaria para a exploração do petróleo do Lobato

## O CUSTO DA GUERRA

É uma pergunta comum: que obras magníficas se poderiam realizar com os milhares de milhões que a guerra custa? Segundo as informações de um jornal inglês só a Inglaterra gasta cerca de 3.000 contos por minuto, 20.000 por hora e 600.000 por dia.

Com este dinheiro podiam-se resolver imensos problemas que esta guerra não resolverá. Podiam-se cultivar os campos abandonados, organizar indústrias, abrir escolas, edificar hospitais, sanatórios, bairros novos e arejados. Podiam-se empregar todos os desocupados do mundo, dar alimento a todos os necessitados e instrução a todos os ignorantes.

# A juventude no movimento mundial pela paz

A Juventude é, antes de tudo, uma força de paz. E' esta a conclusão que se pode tirar da observação cuidadosa de toda a sua luta no mundo. Como força politica, o jovem, principalmente o estudante, tem desempenhado um relevante papel na luta pela paz e pela cultura, onde quer que ela seja necessaria. Intransigentemente, a juventude está sempre ao lado da cultura, consequencia que é da paz e da liberdade.

Coerente com esses principios os estudantes em todo o mundo têm em face a presente guerra que ensanguenta a Europa, se manifestado pela paz e contra a guerra.

Nos Estados Unidos da America do Norte, todos os estudantes dizem: "fiquemos fóra da guerra". Um inquerito feito por jornaes de estudantes, mostrou que 97% da classe estudantil americana, manifestou-se contra a entrada da America na guerra.

Na China, emquanto apelam para toda a juventude mundial, os jovens combatem a guerra, lutando ao lado do seu povo, contra o invasor. A sua missão tem sido heroica e tragica.

Na India a juventude estudantil grita que esta guerra não é "pela democracia", porque os que isto proclamam, são os seus opressores e os de milhões de seres humanos em todo o mundo. E concretizando estes seus anseios de paz os jovens indianos lutam consequentemente pela independencia nacional.

Nos paizes balcanicos, ameaçados de ser envolvidos pela guerra, os jovens têm constantemente manifestado em praça publica o desejo de não ver seus paizes transformados em campos de disputas. Assim, 4000 estudantes dos 5000 da Universidade de Belgrado, realizaram, recentemente, um meeting pela paz, chegando á seguinte conclusão: "A guerra presente movida pelas Grandes Potencias, tem por fim uma nova divisão do mundo,



Onde a juventude pode, manifesta-se decididamente pela paz, em congressos, manifestações e pela imprensa

e, consequentemente, esta guerra de conquista não é do interesse do nosso povo".

X X X

Todos estes movimentos pela paz e pela cultura refletem a compreensão dos jovens da gravissima situação que o mundo inteiro atravessa: paizes imperialistas e paizes dependentes, povos livres e povos subjugados. E procurando ver profunda e friamente as causas determinantes desta fase historica, esforcemo-nos por tirar conclusões certas, no sentido de tomar uma posição justa e coerente com a realidade nacional. Forrados da experiencia da guerra passada, na qual a geração de então foi sacrificada em nome de falsos principios que ainda hoje são invocados pelos interessados na guerra, não nos deixaremos enganar.

Na guerra atual não poderá acontecer o mesmo. Nos paizes levados a ela por contradicções forçada: luta pelos mercados, conquista de territorios e colonias, necessidades de fontes de materias primas, nestes, apesar da sua grande luta pela paz, a juventude foi criminosamente lançada na chacina. Mas, nos paizes ainda não envolvidos pela guerra, a juventude deve manter-se vigilante. E

nos países dependentes, não imperialistas, em que os seus interesses opõem-se aos dos países beligerantes, mais necessário se torna evitar o sacrifício inútil e criminoso.

A sua posição é de Paz e Neutralidade.

Com elas, poderemos, aproveitando o enfraquecimento do capital financeiro, dar um largo passo no sentido da nossa redenção económica. Esse é o caminho a seguir não só pelo Brasil, mas também por todos os demais países dependentes da América e do Mundo.

Pelos motivos expostos, compreendemos a mistificação dos que querem fazer crer que esta guerra é em "defesa da democracia" e "da civilização"; por isso, não é possível tornar a juventude interessada pelo seu esmagamento e extermínio nas trincheiras, porque ela já não é mais levada, ela se guia.

Ao lado da nossa posição de paz e neutralidade, compete-nos trabalhar sem esmorecimentos, no sentido de impedir o desenvolvimento e continuação desta guerra, que consome a juventude dos países beligerantes, porque ela ameaça assustadoramente o futuro de toda a Humanidade. E o futuro é dos jovens.

Esprimindo o pensamento da juventude das Américas, o Congresso da Juventude, lançou aos moços de todo o mundo, a seguinte mensagem, que representa mais uma afirmação da juventude no movimento mundial pela paz:

«Olhamos com horror a deshumanidade daqueles que querem manter a juventude nas trincheiras e nos campos de batalha por todos os meios. Alguns sob um véu de falsos princípios morais procuram apresentar o sacrifício dos jovens, como uma "santa cruzada". Estes são os poucos que nunca tiveram escrúpulo em sacrificar os interesses gerais da humanidade, em proveito dos seus interesses particulares, dos seus privilégios e das suas ganancias. São os que vendem os criminosos instrumentos de guerra, que promovem a extensão das guerras, que facilitam a concessão de empréstimos e créditos aos governos beligerantes. Para locupletar suas arcas com milhões de vidas perdidas eles usam a imprensa, e até o ar envenenam com a sua histeria nociva.

Escutai nossa mensagem, jovens dos países neutros! Evitemos a propagação da guerra, ajudemos nossos irmãos a sair das trincheiras e tratemos de não cair nelas nós mesmos.

Amigos e companheiros jovens americanos do hemisfério ocidental: Sentimo-nos orgulhosos e agradecidos de que, mão a mão conosco, prepareis o trabalho pela paz, pela liberdade comum e pela segurança, apesar dos grandes danos que alguns dos nossos concidadãos os tenham causado.

A vós, sofredor povo chinês, queremos expressar a nossa profunda admiração pela maneira como estais construindo vossa pátria, criando uma nova era de cultura e liberdade para o vosso povo. Estais seguros da nossa solidariedade e simpatia em tão grande obra!

Faz, justamente, um aloy e meio que levantamos nossas mãos em sinal de amizade e fé nas juventudes dos povos do mundo no Vassar College. Sabemos que estes povos não querem a guerra. Não podem ter tais ganancias.

Agora, nós outros, aqui solenemente, renovamos nosso sagrado oferecimento á juventude do mundo. Juramos não descansar até que cesse a carnificina dos jovens do mundo.

Os povos querem viver em paz e segurança. Eles devem ser ouvidos».



Onde a juventude é inteligentemente «preparada» serve de instrumento para a propagação de guerra

# A guerra e a economia nacional

A guerra, mudando o rumo de tudo e agravando a situação de todos os países, tem se refletido de maneira acentuada nos países neutros, pouco desenvolvidos. A imprensa diariamente nos dá notícias disto. Evidentemente este é o caso do Brasil. Os 11 meses de guerra já bastam para mostrar os golpes sofridos pela nossa economia, com ameaças ainda muito maiores. Ha, portanto, um exacerbamento das dificuldades, creado pela reviravolta completa das relações comerciais entre as nações; pela quasi inexistencia do transporte; pela grande falta de mercados e, consequentemente, pela paralização do comercio com o exterior e pela alta extraordinaria dos produtos de importação. Desta forma podemos verificar que a situação atual da nossa produção é a seguinte: café, algodão, minerais, carnes, cacau, borracha, couros, peles, frutas, e toda sorte de materias primas, não têm saída. Ora, estes produtos representam a base de toda a nossa economia, de norte a sul. Depois temos a considerar o alto preço com que adquirimos a produção estrangeira, determinado pelo aumento nos transportes, pela elevação no preço das materias primas e pela condição de não concorrência no mercado. Assim acontece com todos os demais países pouco desenvolvidos economicamente. Isto, dado o carater mundial que atingiu a economia de nossos dias e a posição que occupam os países hoje envolvidos pela guerra. Estes reflexos manifestam-se de duas formas: ou na cobiça das reservas economicas de certos países, ou num desequilibrio economico devido o desaparecimento dos mercados. No primeiro caso estão os países alvos da diplomacia e dos exercitos beligerantes. Foi o caso da Noruega, Dinamarca e continua sendo o caso dos países balcanicos. Mas, a nós, interessa, sobretudo, o segundo caso. Ahi é que estamos situados, como país cuja vida economica depende em grande parte da maior ou menor estabilidade dos mercados externos.

A guerra estendeu-se já por um grande numero de países europeus. Tomando-se em consideração as nossas exportações para esses países durante o ano de 1939 (feitas em condições normais até agosto), pode-se ter uma idéia do que significa o desaparecimento desses mercados e a importancia dos mesmos como centro de consumo dos

produtos nacionais de exportação. Entre estes países podemos citar como impossiveis de qualquer negociação, a Alemanha, Dantzig, Dinamarca, Finlândia, Suecia, Checoslovaquia, Holanda, Belgica, Luxemburgo, Noruega, Italia, França, Polonia. Foram vendidas para esses países, especificando por produtos, as seguintes somas, calculadas em contos de reis:

Algodão — 340.007; arroz — 13.439; café — 514.131; couros — 74.827; ferro — 15.955; torta de caroço de algodão — ... 76.900; cacau — 51.119; fumo — 66.102; lã — 25.334; laranjas 30.555; pinho — ... 21.967. Total — 1.230.436.

Ao lado de mais alguns produtos perfaz um total de 1.351.778 contos. Estes numeros dão uma clara ideia dos prejuizos, sendo que o excedente das materias de exportação para 1940 já foi calculado em cerca de 50 milhões de dolares. Isto não seria uma grande soma se outra fosse a situação da balança externa do nosso comercio, por varios motivos em estado precario.

Esta guerra, como a passada, nos veio mostrar a situação de inferioridade das nações pouco desenvolvidas industrialmente e com uma agricultura de técnica primitiva, baseada na monocultura. Esta experiencia foi muito dura e por isso mesmo nos ensinou que devemos desenvolver as nossas fontes de energia, instalando a industria pesada, explorando as jazidas petroliferas e de ferro, forjando, enfim, as bases da nossa libertação economica. Essa, a orientação que deve seguir a nossa politica economica. Mas, é necessario tomar certas medidas urgentes para evitar um grande desajustamento que já está se processando. Para isso, é necessario a aquisição de novos mercados de grande valor e até agora desconhecidos pelos nossos produtos. Nesse caso, estão os países da America do Sul, a Africa do Sul e alguns países da America Central.

Tudo isto, finalmente, vem mostrar os reflexos e efeitos desastrosos da guerra em nosso país. E vem tambem mostrar a posição que devemos tomar na politica internacional: paz e neutralidade, ao lado do reforçamento das relações com todos os países com os quais ainda se possa manter relações comerciais. Esta situação dita-nos, ainda, a necessidade de aumentar o nosso mercado interno, que está em função do poder de consumo do povo.

# A CRISE POLITICA DA PRATA

O bloco dos congressistas dos Estados Unidos interessados na prata, obteve um triunfo que é um verdadeiro desastre para o Mexico e o Perú, com a aprovação pelo Comité Senatorial de Assuntos Bancarios, de uma medida que terminará com as compras da prata no estrangeiro, autorizadas pela lei da prata de 1934. Esta medida, segundo um editorial do "New-York Times", sobre a resolução Townsend apresentada ao Congresso pelos partidarios da revisão, tornará ainda mais obscuro e absurdo o referido estatuto.

## MEXICO, PERÚ E CHINA SERÃO OS PREJUDICADOS

Com a aprovação da proposta emenda, o estatuto continuará parcialmente em vigor. Segundo suas disposições originaes, a Tesouraria Federal deveria comprar prata suficiente para que esse metal constituísse 25% das reservas monetarias do país ou até que o preço da mesma subisse a 1.29 a onça.

No periodo 1935-1939 o governo comprou as seguintes quantidades: no estrangeiro, 1.818.000.000 de onças a um preço de 64 a 77 centavos ou seja... \$225.000.000; pelo decreto de nacionalisação, 113.000.000 de onças que havia em mãos de particulares ao custo de \$56.500.000.

O que a nova emenda e a lei estipula é que o presidente e o tesoureiro continuem comprando prata até chegar ao limite de 25% das reservas nacionais, mas excluindo do negocio os produtores. Posto que a produção nacional norte-americana só é suficien-

te para abastecer uma quarta parte do que o governo vinha comprando em cumprimento da lei, está claro que o efeito da emenda seria fazer subir o preço do metal aqui e prejudicar diretamente os países produtores como Mexico, Perú e China.

## 2.100% DE LUCRO PARA UMA COMPANHIA

O fim das compras de prata no estrangeiro fez subir o preço, coisa que convinha aos estados norte-americanos produtores do metal. Em curto tempo, o preço subiu a 81 centavos de dolar a onça, sendo por isto destruido o sistema monetario da China que teve de abandonar o padrão e com ele precipitou o colapso da prata como moeda no mundo inteiro.

Ha uma companhia mineira chamada Sunshine Company, tendo um capital social de \$149.000. No ano de 1938 esta empreza pagou \$2.20 de dividendo por ação de dez centavos e seus lucros totais foram de \$3.275.000. Toda a prata que a Tesouraria comprou até a presente data não produziria 150 milhões de dolares se fosse posta á venda no mercado.

Neil Carothers, professor de economia da Universidade de Lehigh, sugeriu no ano passado que para solucionar o problema era necessario esperar que os Estados Unidos comprassem 12.000.000.000 de onças mais nos proximos vinte anos, com o que não ficaria prata no mundo e o Congresso se poderia dedicar a construir estatuas de metal para honrar

à memória dos atuais mandatários da nação.

## A PRATA LEVOU O TESOURO QUASI À BANCARROTA EM 1893

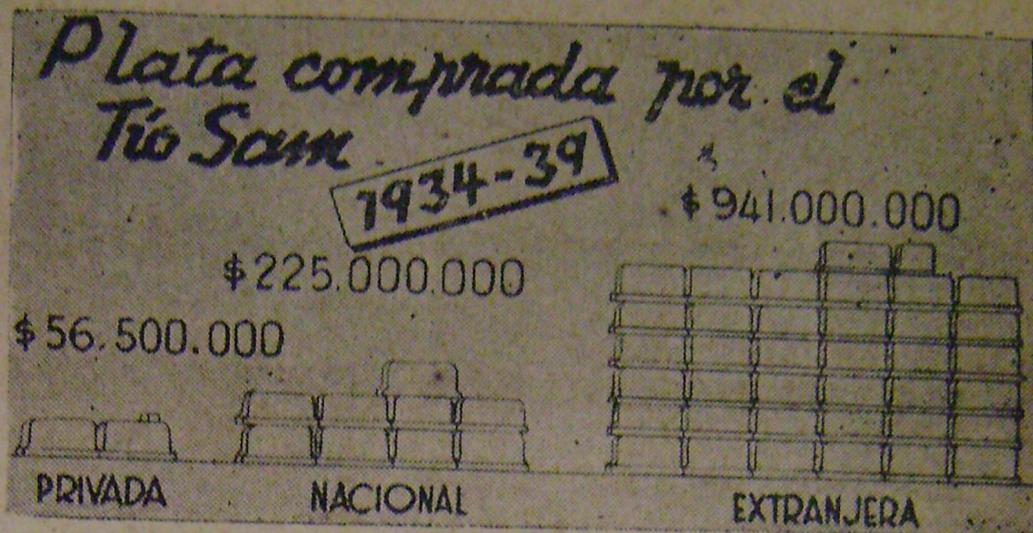
Apesar dos esforços realizados, a tesouraria federal não pôde manter a proporção que corresponde às reservas ouro da república. "O mais curioso do caso-diz o economista Carothers—é

que os pagamentos feitos ao Mexico pela prata dali importada foram usados para financiar a confiscação das propriedades petrolíferas norte-americanas".

O secretário da Fazenda Morgenthau alega ainda que os fins da legislação da prata foram conseguidos; o estatuto original permitiu estabilizar a situação financeira de varios países amigos, tendo um exito louvavel. Os inimigos da referida lei denunciam seus objetivos como uma conspiração dos congressistas dos estados produtores de prata e de um pequeno grupo de especuladores de Nova York.

As primeiras moedas de prata cunhadas nos EE. UU. foram ilegalmente feitas pelo governo de 1853. Até 1878 quando foi aprovada pelo Congresso uma lei autorizando a compra de prata para cunhagem, o negocio estava completamente na categoria dos ilícitos. A lei Sherman de 1890 duplicou as compras de prata e produziu a bancarrota da tesouraria em 1893 e uma terrivel crise economica que durou até 1897.

O projeto de lei Mc. Carren

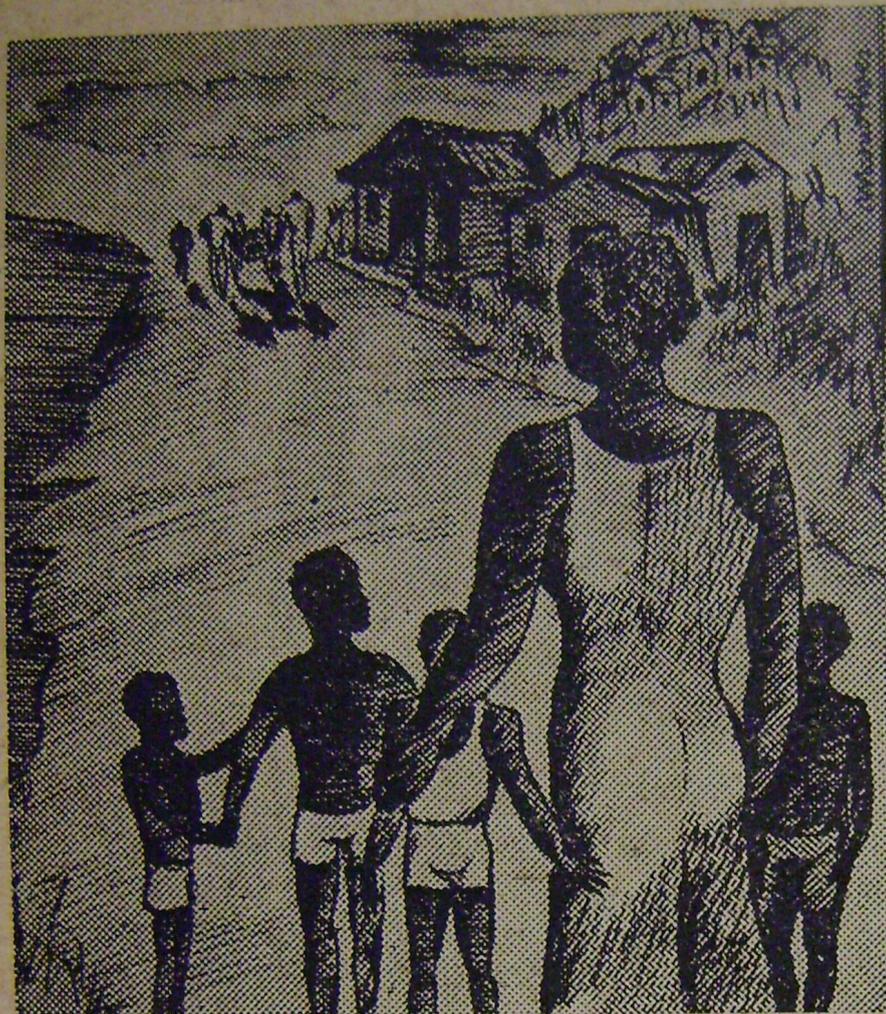


Caso o Congresso dos EE. UU. aprove a emenda á lei da prata que acaba de aprovar o Comité Bancario do Senado, cessarão as compras de prata no estrangeiro, donde proveio 75% das reservas de metal adquiridas pelo governo nos ultimos quatro annos. Os países latino-americanos mais prejudicados serão o Mexico e o Perú.

que forçava o aumento do preço da prata das minas nacionais a \$1.04 a onça e eliminava as compras no estrangeiro, não pôde passar em Washington apesar da combinação dos congressistas republicanos inimigos de Roosevelt e os democratas interessados na prata.

### REFLEXOS NA POLITICA DE "BOA VIZINHANÇA"

Os observadores politicos americanos e estrangeiros não ocultam os motivos que determinaram esta mudança na politica americana de referencia á compra da prata nos países estrangeiros, que é, segundo afirmam, dirigida contra a estabilidade economica do Mexico. Visa-se uma debacle financeira neste país, o que tornaria impossivel a exploração das jazidas petrolíferas, recentemente expropriadas pelo governo mexicano, obrigando a restauração da propriedade das companhias americanas como unica saída para a situação. O futuro nos dirá até que ponto o Mexico suportará esse golpe, como, também, quais os seus reflexos na politica de "boa vizinhança" do presidente Roosevelt...



O PRETO  
SERAFIM  
CAÍU DO  
ANDAIME

ROSSINE  
CAMARGO  
GUARNIERI

*O preto Serafim caiu do andaime.*

*Morreu o negro Serafim.*

*O preto Serafim  
depois de morto,  
foi guardado por lágrimas e gritos  
da preta Inácia e onze filhos.*

*Depois levaram Serafim pro cemitério  
num carro velho de terceira classe.*

*Sem discursos,*

*sem corôas,*

*sem amigos*

*o preto Serafim não disse nada,*

*parado,*

*calado,*

*deitado como estava.*

*Os cravos murchos também nada disseram...*

*A viúva e os filhos choraram doidamente*

*a triste morte do negro Serafim*

*Choraram a morte?*

*Não.*

*Choraram a vida.*

*Choraram a vida que teriam que viver  
sem o negro Serafim sobre os andaimes...*

*E o preto Serafim não disse nada,*

*parado,*

*calado,*

*deitado como estava*

*com os punhos cerrados sobre o peito...*

# OS ESTADOS GERAIS

V. VLADIMIR

Como é que os Estados Gerais, essa velha instituição feudal, formada pelos representantes dos três estados e condenada a desaparecer, foram as primeiras manifestações (ainda que de forma imperfeita) das aspirações de Revolução?

A convocação e a atividade dos Estados Gerais de 1789, cujo 150º aniversário festejou-se esse ano, foram a consequência da situação dominante na França do século XVIII.

Qual era, pois, o aspecto da França às vésperas da Revolução?

A França era, como se sabe, um país agrícola e os camponeses formavam os nove décimos de sua população. Sua agricultura se encontrava, aliás, em estado tão miserável que o dramaturgo russo Von Visine, cujo próprio país se achava então no limiar da revolta camponesa de Emiliano Pougatchev, não pôde reprimir seu pavor. Embora na posse da liberdade individual, os camponeses, na sua maior parte, continuavam submetidos a numerosos costumes feudais. "nenhuma terra sem senhor", era a divisa. Para possuir a terra o camponês devia pagar a seu proprietário em dinheiro, em produtos, em trabalho. O sistema dos impostos diretos e indiretos instituído pelo Estado rapace acabava de arruinar o camponês. As revoltas camponesas que se desencadeavam continuamente em diversos pontos da França, foram precursoras formidáveis da revolução em marcha.

A indústria francesa havia

feito, no século XVIII, progressos notáveis. Era sobretudo caracterizada por manufaturas disseminadas através do país e dona de oficinas pouco importantes, porém centralizadas. As corporações, base outrora da produção industrial, haviam chegado a seu termo. Os estatutos e os regulamentos arcaicos e complicados das corporações eram agora um entrave ao progresso industrial. A tal situação veio juntar-se uma administração desusada: a existência de medidas de pesos, moeda e de leis diferentes nas diversas províncias, um sistema numeroso de taxas internas, que gravavam tão pesadamente as mercadorias que seu transporte custava mais caro no interior do país do que da China à França.

Portanto, já por essa época a França era o país mais avançado economicamente no continente europeu e vinha, logo após, a Inglaterra, no comércio e na indústria.

Ela entretinha relações comerciais não somente com todos os países da Europa, mas também com as outras partes do mundo. Durante os três primeiros quartos do século, ela havia quadruplicado a cifra de suas exportações. Suas operações de câmbio com as colônias se mantinham, em 1789, além de 300 milhões de libras. A acreditar-se em Necker, a França detinha, então, a metade do dinheiro de toda a Europa.

Entretanto, é a Inglaterra, e não a França, que ocupa o primeiro lugar no comércio e na indústria. A Inglaterra retomou o Canadá à França e a afastou da Índia. E isto unicamente graças a

seu sistema politico mais progressista e uma tecnica mais avançada.

A burguesia, bastante ativa, e que, pertencendo ao terceiro estado, não tinha mais direitos que os camponeses, os operarios, os artezões, os intelectuais, comprehendia isto muito bem. O país era administrado pela nobresa, pelo clero e pelo rei que quasi não pagavam impostos, enquanto se achavam na posse de todos os privilegios e de todas as honras.

Na segunda metade do seculo XVIII, a monarquia absoluta ia de bancarrota em bancarrota. Isto, tanto no sentido proprio como no sentido figurado.

Para resolver as dificuldades financeiras e cobrir o deficit, Luiz VI nomea sucessivamente ao posto de controlador geral das finanças Turgot, Necker, Calonne e Loménie de Brienne. Mas a monarquia era impotente para conseguir fundos financeiros sem um saneamento economico do país, sem reformas completas. A convocação da Assembleia dos notaveis, que não se reunia havia 175 anos, resultou em completo fracasso.

No meado do ano de 1787, o Tesouro se encontrava completamente exgotado. Loménie de Brienne declara-o falido. Todo o país ficou indignado, desde os ricos rendeiros gerais até os camponeses que responderam pelas novas revoltas e rebeliões, cada vez mais violentas. Novamente chamado á direção das finanças, Necker convoca, em nome do rei, os Estados Gerais para 4 de maio de 1789. Havia 175 anos que não eram convocados. O Estado via nesta medida o meio de receber subsidio do terceiro estado e ao mesmo tempo fazer "voltar á razão" a

nobresa pela ameaça de concessões ao terceiro estado.

Os Estados Gerais reuniram-se em Versailles, afim de eleger tanto quanto possivel, o povo revolucionario de Paris. Foram inaugurados solenemente pelo rei, a 5 de maio. A cerimonia era regulada de forma que separasse nitidamente as diferentes ordens. A Corte quiz assim vingar-se dos vexames mesquinhos da dupla representação que o rei lhe impoz no terceiro estado (enquanto que a nobresa e o clero tinham somente 300 deputados cada um, o terceiro estado tinha 600).

A 27 de junho, dia em que funcionaram as ordens, ao raiar da primeira vitoria importante do terceiro estado, seu eloquente representante Mirabeau, que até ali se dirigia sempre ao povo, voltou-se aos deputatos apelando para que os mesmos se possem em guarda contra os revoltosos. Acovardado frente ao movimento popular Mirabeau se desvia para o caminho da infame traição e termina como agente a soldo do rei.

Por felicidade os destinos da França não estavam nas mãos de homens fracos que sobrepunham seus interesses e os de seu pequeno grupo social aos interesses da França. Mas nas mãos do povo revolucionario da França, que se preveniu contra o golpe de Estado anti-popular preparado para 16 de julho, destruindo a Bastilha a 14 de julho, reforçando assim a marcha vitoriosa da Revolução.

---

Cooperar no Recenseamento Nacional é esclarecer os nossos problemas, tornando-os de todos conhecidos e facilitando a sua resolução.

# REFLEXÕES SOBRE SOSIGENES COSTA

JOÃO MONTENEGRO

Dizem que a literatura é a voz do passado. Quanto a mim não o creio. Antes, diríamos melhor, evoluiu. Deixou de ser sómente a arte do belo e o belo nas letras, e tomou um sentido mais humano, uma orientação mais eficiente, reunindo ao agradável belo, o útil e pratico. Tudo passa, tudo morre, tudo se vai nas brumas do passado. E vem o novo, porque ele é a propria evolução e esta, a propria vida. Com isso, não morre o passado digno porque ele é a tradição. Também não deixa de haver o novo, a menos que o futuro não conheça o belo do presente.

A todo sucesso um outro se nos apresenta, e fôra este méra imitação daquele, perderia sua razão de ser. Daí, a improficuidade da campanha desses que nada admitem de novo, porque só admiram o velho. Que nada apoia de original porque o modelo é aquilo que já se admirou, e que sendo assim, já foi original. E o resultado é doloroso. Um Pedro Calmon não passa do espectro retardado de um Vieira sem batinas e esperando eternamente o providencial estalo. Um Olegario Mariano passa a ser tão somente mais um episodio da vida literaria de Alberto Oliveira. E estas academias, pobres academias, somente memorias póstumias e vilmente adulteradas, daquelas que já se foram. E sempre foi assim. Em tudo e em todos os ramos da atividade humana, já se verificou e se verifica a luta do passado contra o presente. E aquele se debate, blasfêma e grita contra o novo, mas este sobrepuja e impéra, porque ele é a mocidade que surge para lutar, vencer e construir. Eternissem-se os velhos e o passado e a mocidade perderá a sua razão de ser. Viverá só daquilo que os nossos avoengos construíram.

A esta regra a literatura não faz exceção. A poesia segue com a literatura. Daí, a liberal e expontanea poesia de hoje, que, imagem dos homens e do mundo, a nada se subordina e curva. É a poesia moderna.

Aqui, já temos um legião de bons poetas. De Bopp a Guarniéri, dos Schmidt a Emilio Moura, de Odorico Tavares a Sosigenes Costa, vai um grande numero de bons poetas. E' sobre Sosigenes que eu vou falar, saindo deste lenga-lenga desesperado (para entrar noutro, é verdade).

Espirito exotico, Sosigenes é todo contraste. Tudo nele parece acidental e espontaneo. A propria poesia, o proprio

homem assim o são. Contrastam com as maneiras delicadas de seu sentir e expressar-se, os ferinos ataques de seus mordazes epigramas. Opõe-se aos versos rimados e medidos de seus parnasianos sonetos, a poesia fluente e livre de um modernismo original. E não sei se nele é maior o poeta revolucionario ou sentimental, o africanista ou romantico. O que sei é que nele tudo é poesia original.

Por meio de suas produções já o conhecia de ha muito. O pouco que li dele, fizeram-me julgá-lo um otimo poeta. Julguei na minha infantilidade criminosa, que estivesse na Academia. Depois fui tomando juizo. Conheci-o este ano em Ilhéus. E o grande vacuo que me deixara nalma a pacatez daquela cidade só foi preenchido pelo conhecimento do secretario da Associação Comercial de Ilhéus. Era o senhor Sosigenes Costa. Abstraido ás coisas do mundo e á realidade dolorosa da vida, formara um mundo aparte na sua existencia. Entre os livros dos outros e os poemas dele, se limitava a sua vida. Morando ha anos naquela cidade, ninguem o conhece nem ele a ninguem. Sem ler jornais nem ouvir noticias talvez não saiba hoje da grande catástrofe que avassala a Europa.

Disse ha dias um critico, que se Sosigenes quizesse podia ser o maior poeta do Brasil. E, de fato, poucos poetas poderão produzir versos como aqueles de «A Barcarola da Noite» ou de «Bufalo de Fabula». Estes dois poemas seriam bastantes para sagra-lo um grande poeta. Sua poesia é cheia de belas imagens, hora roubadas á mitolog'ia grega, hora tiradas da singeleza dos fatos quotidianos. Tudo nos vem indicar que Sosigenes é um poeta raro, de talento grandioso e de cultura invulgar.

Sua poesia traz estrofes belas e significativas como esta que transcrevo abaixo:

«A noite vem numa falúa  
e a brisa vem do mar nos botes.  
O mar cintila e espera a lua  
e tem a côr de um miosotis.  
A luz do ocaso é tão bizarra  
que lembra a chama dos archotes.  
A noite vem entrando a barra,  
tão negra como os hotentotes».

Sosigenes não liga a vida. Não mercantilisa a poesia. Seu ideal é o belo e perfeito. Amando ás côres, nas quais vive a sua poesia, elas o inspiram e sensibilizam. Aqui è a luz do ocaso lembrando a chama dos archotes. Algures è «A apoteóse das parcas», em que canta a significação do amarelo, o «preambulo do luto», «a côr da indiferença ornamental». Acolá são «seus pavores côr de rosa, os unicos do mundo». Sosigenes è bem o poeta das cores e do belo.

Em «Os centauros» sua genialidade pode muito bem ser avaliada. A vida para ele è como um pesadelo, ou melhor, um sonho. E por isto não a leva a serio. Na vida pratica è sempre o poeta Sosigenes Costa que não sabendo como tantos outros fazer de sua poesia meio de vida, faz dela méro recreio de espirito. E por isto, nele a propria poesia è accidental. E ele que è bom e só aspira ao perfeito, vive a procurar na noite tenebrosa que atravessa o mundo, enxergar nos céus, «as estrelas que docemente abrem pétalas de acacia». È ele que sonha e só vê o belo, vive naquele «Bufalo de Fabula», em que nos fala de Ilhéus, cantando-lhe belezas grandiosas que a mediocridade não sabe sentir, fazendo versos que não publica, só para sentir mais de perto o seu proprio eu, o seu proprio sentimento.

Não è futurista nem parnasiano. Não è romantico nem classico. Não è africanista nem revolucionario. E' tudo isto. Segue a maxima de Viégas, seu grande mestre. Este afirma que o grande escritor não tem escola, como o grande politico não tem partido. A sua poesia è inspiração do momento. E' poesia que brota fluente e livre em tudo que escreve. E por isto è que sem se esforçar faz versos rimados e sem sacrificar o sentido da poesia, faz versos medidos. E' que ele è poeta em tudo que escreve, querendo ou não, modelando-a a qualquer estilo.

A exemplo, uma bela estrofe rimada e medida:

Não quiz a lua, o rosto amado  
boiar nos céus em que ela boia

## PENSAMENTO E REALIDADE

A questão de saber se o pensamento humano pode alcançar uma verdade objetiva não é uma questão teorica mas uma questão pratica. Na pratica, o

com um semblante decepado de uma princesa de Savoia. Dentro da noite iluminada despede Ilhéus clarões de joia qual grande bufalo encantado com cem pupilas de giboia».

E adiante liricamente:

Petrarcas beijam doces Lauras  
junto do pélagos espelhante.  
As flores languidas restauras  
ó vento amigo e sibilante.

Estas estrofes de «Bufalo de Fabula» são monumentais. Valem, de per si, por passaporte para a posteridade. Ilhéus, a grande cidade sulina, assume proporções gigantescas de magnificencia e beleza na pena impar de Sosigenes. E nesta maravilha de luz e paisagem, diz o poeta:

«Anoiteceu. Tudo rebrilha  
Sinto-me, entanto, merencoreo».

Em tudo seu transpira um cunho de originalidade. Falando do mar, não é lirico nem dramático, nem épico. Vejamos 2 estrofes de «Palhaço verde»:

«Palhaço verde, o mar na areia ruiva  
grita e gargalha, salta e cabriola  
como quem sofre, lírico da bola.

E querendo assombrar as moças, uiva,  
brame, arremete e explode o marióla  
como quem sofre, lírico da bola.»

O modernista è extraordinario. Vejamos uma estrofe de «O samba do pé do pato»:

«Currupio vem dansar  
no samba do pé no chão  
Meu pesinho de moleque  
me dê uma imbigada aqui  
Não tire o pé do bichinho  
que ele não pode andar  
Não coma o pé do siri.

Este grande poeta pelos outros inexcédível, procura ultrapassar-se a si mesmo, sem fazer alarde, nem venalisar suas vitorias.

homem deve provar a verdade, isto è, a realidade, a objetividade de seu pensamento. A discussão sobre a realidade ou a não realidade do pensamento — isolada da pratica — è uma questão puramente escolastica.

# CONVERSA SOBRE EUCLIDES DA CUNHA

Euclides da Cunha foi um gajo que existiu. Viveu como todos nós vivemos. Entretanto existiu. Criou alguma cousa. E está dentro, ainda não da mentalidade nacional, mas dentro do proprio Brasil. Expliquemos:

É Renan, em "A Igreja Cristã", quem diz que o melhor meio de reconhecer os homens é visitar os lugares em que eles viveram. Euclides é encontrado e compreendido á cada passo. Quem, em já havendo lido Euclides não o tenha encontrado numa raiz de arvore que, por uma força de mimetismo, ou se transforma numa piramide por excesso de humidade ou num emaranhado cabeludo de raizes secundarias, por força da seca? Quem não encontrou com Euclides nessas paragens que andam, desoladas por aí, nesse imenso nordeste? Entretanto, Euclides não só

dadeira mentalidade nacional formada.

"Os Sertões" appareceu numa epoca em que ainda estavam quentes os corpos de cadaveres jogados pelas caatingas. Surgiu ainda numa epoca que era adversa á consciencia nacional uma reabilitação da luta sertaneja. Notem bem! Estou falando em reabilitação. E me explico. Naquella epoca, politicos profissionaes que sempre o existiram e jornalistas superficiaes, haviam feito crer que aquella luta de Canudos não era senão uma luta politica. De fato ela foi uma luta politica, mas não no sentido politico que se quiz dar. Porque para a "bacharelada nacional" politica é e foi uma cousa que sempre necessitou de camaras, parlamentos e deputados, para existir. Canudos entrou para a historia nacional presente

## AMERICO ALBUQUERQUE

é conhecido dentro do Brasil e com o Brasil e pelo Brasil. Ele foi o unico dentre todos os homens que escreveram livros que explicou e conheceu o Brasil. Euclides está ligado de tal forma com o conjunto nacional que se não pode separar uma cousa de outra. Compreende-se um cristão que não conheça a Biblia? Compreende-se um povo que se não conheça? Não! Precisamente por essa razão não se pode conceber que um individuo se julgue brasileiro sem haver compreendido toda a essencia e profundidade da obra de Euclides. E é ainda, precisamente por essa razão, que se compreende porque não temos nós uma ver-

de então como uma manifestação anti-republicana. Euclides se collocou num plano impessoal (foi o unico ensaista existente no Brasil que não se transformou personagem de sua obra) e reivindicou para aquele episodio as causas reaes de sua existencia.

E não o poderia fazêr sem haver conhecido Hegel e o que lhe succedeu em materia de filosofia. Ao que me consta, Euclides, só uma vez cita o nome desse filosofo alemão. De Darwim eu não vi uma só vez o nome em toda a sua obra. Entretanto coloca a dialctica de Hegel a serviço de seu ensaio e o transformismo aparece em todas as paginas de sua obra.

E' precisamente por conhecer Hegel que ele estudou, tão detalhadamente a natureza de todo o Brasil. Eu me explico. Hegel considera (pondo de lado a sua "ideia criadora") a natureza como o meio externo. O meio interno, para Hegel, são as sociedades humanas. E' essa a razão porque no "Os Sertões" a gente vê com que carinho é estudada a terra e o homem. Houve quem houvesse visto nesses dois estudos uma simples divagação para que o autor fizesse literatura... Entretanto, depois de estudar tudo isso a gente encontra então detalhes dos costumes e hábitos, cousas estas que estão em função de ação de um meio externo sobre o interno e vice-versa. E então aparece porque o gaúcho é gaúcho e porque o sertanejo é sertanejo. Em Euclides, somente ali, encontramos uma razão determinista da grandeza das "entradas" e "bandeiras" no sul, em São Paulo precisamente. Antonio Raposo, Dias Leme e Borba Gato têm sua razão de existencia no... rio Tieté. E' o unico rio nacional que tem um curso de aguas favoravel PARA O INTERIOR. Chegados á fóz os bandeirantes, ou desciam pelo Paraná ou buscavam já a bacia de São Francisco e Amazonas. E foi essa a razão do espantallo das fronteiras nacionaes, nas pontas das bacamartes.

E, conversemos, agora, sobre Euclides na actualidade? Quantas edições foram lançadas desse livro? Quantos milhares foram vendidos? Qual o doutor "intellectual" que não o tem na estante? E, foi Euclides, um sujeito comprehendido? Fizeram extensão de uma obra que ele havia feito em profundidade? Não! Doe-me a cõnciencia, revolta-me a fibra de brasileiro, ao que eu faça esta afirmativa.

E porque não foi ele comprehendido? Excuso-me explicar. Fizemos do futeból uma verdadeira gloria nacional. Já por muitas vezes havemos lido cardapios em francês. O cinema, o radio e os perfumes foram popularizados. Nós só não havemos popularizado a unica cousa que é verdadeiramente nacional: Euclides. Havemos falado demais sobre o "nosso céo cheio de estrelas". Vimos no Cruzeiro do Sul uma dadiwa divina. Festejámos muitas datas nacionaes e, inclusive, a do nascimento e morte de Euclides. "Os Sertões" ficou sendo somente uma obra literaria. Um americano que o leu, considerou-o como a maior obra do hemisferio occidental. E nós nos limitámos somente a transcrever esse depoimento. Entretanto, entretanto... Euclides nunca foi comprehendido no seu real sentido.

A melhor prova de que Euclides não foi comprehendido, estudado e esclarecido, está na existencia de... Lampeão e Corisco. Porque se ele houvesse sido comprehendido por certo Lampeão não haveria existido.

Euclides mostrou todas as causas da genese do fanatismo e do cangaço a um tempo só. Isso foi em 1902. Depois disso nós tivemos muitos, muitissimos, demais mesmo, parlamentos. Ali se soltou tanta frase em latim, fez-se citação de Lherhing e Dante e o diabo. Euclides teve o seu nome repetido ali, naquelas casas augustas, milhares de vezes. Tivemos diversos campeonatos sul-americanos de futeból. Havemos feito a campanha civilista. Tivemos uma revolução de cada tres a quatro em quatro anos. Tivemos demagogos aos milhares, que uma vez chegados ao emprego publico (o emprego publico é o processo final de conquista do demagogo revoltado), esqueceram-se que havia um Brasil e um povo. Enquanto isso, os poucos caminhos abertos, pela ar-

# O VERDADEIRO CONCEITO DA LITERATURA

PAULO PALATNIK

Ao folhear um dos ultimos numeros desta revista dei logo n'uma «Carta aos rapazes de SEIVA» Li-a até o fim. Refleti que era necessario uma certa apreciação pois o assunto que foi relatado é digno de toda atenção dos nossos meios literarios.

O autor, que conta apenas 26 de idade e, sobretudo, dez curtos anos "no trabalho das vogais e consoantes", já se considera velho, narra num tom confessional a sua vida acidentada de literato, cheia de revezes, profundamente

tilharia, rumo ao oeste, fecharam-se, revoltados pelas hervas, uma vez estintos, de madeira permanente não, provisoriamente, uns tantos agrupamentos de sertanejos em armas. E as causas da genese do cangaço e do fanatismo aí ficaram. E veio Lampeão e veio Corisco e virão outros. Enquanto não compreendermos que toda essa gente não tem conformação antropometrica de bandidos. Por mais intellectuaes e medicos legistas queiram ver taras no cangaceiro nunca o encontrarão. Será antes de tudo isso, uma justificação do abandono em que jazem as nossas populações ruraes.

Quando Lampeão morreu quem o estudou? Ninguém! Limitou-se a ser visto como um bandido, ele que era, antes de um assassino, o produto da reação contra um meio hostil, igualmente aos milhares de sertanejos que lutam por um lugar dentro da comunhão nacional. Lampeão não pode ser compreendido porque já antes nós não haviamos compreendido Euclides. Mas, parece amigos que ainda não é tarde para que ventilemos e expliquemos Euclides. Sem isso nunca compreenderemos o Brasil e o nosso povo.

arrependido de ter-se dedicado "a esse negocio de literatura", jorra todo o seu rancor em cima dela, chegando á conclusão, que essa "malfadada literatura" o tinha desviado do rumo na vida, aconselhando, portanto, aos amigos "a fuga do caminho errado".

Não vou abusar de citações afim de não ser mal interpretado; nem pretendo tampouco fazer ironia, pois o fel da ironia não é a minha maneira de combater, tratando-se, porem, d'uma carta aberta, forçado estou de me utilizar das expressões da carta, afim de formar uma idéa do conceito do autor sobre a LITERATURA.

A sua concepção em relação ás belas letras é tão interessante quanto condenavel. Todavia, si se tratasse de um caso unico, acha-lo-iamos apenas bizarro e passaria despercebido.

Acontece, porém, que não é pela primeira vez que o meu ouvido fica ferido por conceitos identicos em relação a um dos principais ramos da Arte, que a palavra escrita ou impressa em si representa. E' comum notar-se nas nossas rodas literarias este frivolo julgamento em face a Literatura. Em palestras que tenho tido de quando em vez, com alguns moços de valor — membros da elite intellectual em nossa Capital — tenho sido chegado pela maneira que costumam tratar as letras, atribuindo-lhes um valor secundario. E não somente pela Bahia velha, como também por todo esses brasis é comum ouvir-se opiniões analogas no que concerne a mais abençoada das Artes.

Contra tal estado de cousas no mundo literário é que devemos nos insurgir.

E' preciso pôr fim a esta maneira futil de tratar a suprema arte das vogais e consoantes, suprema e igualmente a mais acessivel para as vastas camadas do povo.

Antes de tudo devemos olvidar que a Arte, e, sobretudo a Literatura, tem uma função social, uma missão educadora. Assimilemos o seu pleno e verdadeiro conteúdo e veremos o seu alto valor social a sua significação etica, o seu sentido moralizador, além do gozo estetico que nos proporciona.

Resta-nos apenas discernir entre a

Literatura e a chamada "literatura", como devemos inteirar-nos das fronteiras que separam a grande IDEIA das "idéas", que andam por ahí afóra enfeitadas de camizas em côres gritantes e empestam os povos, arrastando-os a morticinios e a descalabros.

A «literatura», com aspas, da qual tanto se fala, é a alimentação espiritual por excelencia para «mille. pobre de espirito», segundo uma caracterização adequada d'um ensaista. A mesma «literatura» é a criação superflua e malefica dos talentos estereis, e o pão espiritual para os «meninos bonitos», que enchem os lugares elegantes, enfeitando as suas palestras snobicas com nomes sonantes de grandes vultos das letras nacionais e estrangeiras, ignorando, todavia, o «delirium tremens» que abrange o verdadeiro artista no momento da revelação creativa. A «literatura», cria e alimenta no seu seio o pseudo talento, a mediocridade, que na sua vaidade espiritual, só aspira a conquista d'um nome e que, cedo ou tarde, desvanecido, chega a perceber o erro, desligando-se das vãs pretenções.

Diferente é a missão da verdadeira LITERATURA. Essa inspirou-se nas pessoas dos Erasmos e dos Reichlin na forma — do Humanismo — a grande epoca do Renascimento. Posteriormente, atravez dos enciclopedistas, fez brotar a Revolução de 89, com espiritos luminosos como os Tolstois, os Tourgueneffs e os Gorkis, cooperando para libertar a Russia da escravisação medieval dos czares. E essa mesma Literatura nutrio — nos espiritos como os Slovatski e os Mitskevitch — o grande sonho e a luta silenciosa pela independencia do povo polonez.

A escassez de espaço nestas columnas não nos permite lançar um olhar retrospectivo sobre o grande papel de que foi incubida a Literatura na esféra da criação espiritual, desde que, com o advento da renascença, o Sol do pensamento critico viera iluminar o espirito humano e desde que as azas douradas da liberdade pairam sobre a Cultura.

Não se pode ser alheio á grandiosa funcção que, por exemplo, as letras russas ou polonezas exerceram sobre gerações e gerações de seus povos perseguidos. As Literaturas desses povos geraram pleiados de combatentes, legiões de pugnadores silenciosos, munidos — ao envez da espada — da palavra luminosa, batalhando pela Liberdade, pela

Justiça. Literaturas essas que, pela sua exuberancia de humanismo, transbordaram as beiras do estreito nacionalismo, abolindo as fronteiras entre o nacional e o universal; pois a Arte na acepção mais ampla do termo, como Goete em *Weltbirger* concebeu, desconhece fronteiras. Quando manifesta-se em sentido nacional, ha atraz deste sentido uma alma humana, cosmica, refletindo todos os dramas da vida mesma é porisso é que podemos afirmar: a Literatura e povo se nutrem reciprocamente e simultaneamente. Sofre o povo, experimenta a Literatura as suas torturas e as suas magoas, refletindo os seus anseios de liberdade, os seus grandes ideaes. Com cuidados maternos afaga as feridas, alivia as dôres de seu povo, consola-o, reconforta-o na sua jornada.

O verbo humano atravez das epocas remotas dos Profetas e da Cultura Helenica até a Renascença e a nossa era, o verbo humano como a mais eficaz expressão entre as Artes, embora a mais pobre, foi e sempre será revestido dessa grandiosa missão. A palavra humana se funde ahí com a palavra divina, sendo já de nós conhecida pela historia a sua fecunda ação sobre as gerações.

Para os grandes mestres as letras nunca foram um caso de laço preto e cabeleira assanlada. Os verdadeiros creadores na Literatura, á luz dos Heróes carlyleiros, nunca se isolaram nesta tão falada torre de marfim; e sim, descalços, sempre se impregnaram da poeira dos caminhos...

E os fenomenos como Baudelaire, Poe, Rimbaud?. Estes são meros caprichos na Historia da Arte, uns meteoros que tiveram sua hora de brilho, uma bohemia cantadora e irrequieta, que só um seculo relativamente calmo como o 19 podia tolerar.

E a "Arte pela Arte"? a "Arte pura"? Letras mortas no codigo artistico para os nossos dias de convulções e cataclismas sociaes. A classica torre de marfim — rua varrida pela tempestade da nossa éra, em que desaparecem regimens sociaes e nações inteiras. O puro estetismo e seus derivativos são agora cousas do passado. São intellectuais estereis ou espiritos improficuos os que se alimentam ainda com essas sombras. São, realmente, figuras de hontem, os que se deleitam ainda com a "arte pura", os que se dedicam ao belo prazer de satisfazer a emoção estetica. Nosso seculo reclama a revisão

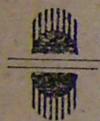
# SIEMBRA...



P O R

M I G U E L

O T E R O



*Cuando de mi no quede sino un árbol  
Cuando mi huesos yan esparcidos  
bajo la tierra madre;  
Cuando de ti no quede sino una rosa blanca  
que se nutrio de aquello que tu fuiste  
y haya zarpado ya con mil brisas distintas  
el aliento do beso que hoy bebemos;  
Cuando ya nuestros hombres  
sean sonidos sin eco  
dormidos en la sombra de um olvido insondable,  
tu seguirás viviendo en la belezza della rosa,  
como yo en el folaje del arbol  
y nuestro amor en el murmurio de la brisa.*

*! Escuchame!*

*Yô aspiro a que vivamos  
en la palabra de los hombres.*

*Yô quiero perdurar junto contigo  
en la savia profunda de la humanidad,  
en la risa del niño,  
en la paz de los hombres,  
en el amor sin lágrimas.*

*Por eso,  
como habremos de darnos a la rosa e al árbol  
a la tierra y al viento,  
te pido que nos demos al futuro del mundo.*

dos valores. O espirito do nosso tempo solicita uma Arte sem rotulos, uma Arte sadia, realista, que reflita fielmente a dôr e a colera dos nossos dias. Nossa geração clama por uma Literatura sã, que brade pela Justiça, que desperte a Consciencia, que exclame com toda a força de seus pulmões gritos de alarme.

Impregnado d'um utilitarismo seco e frio, nosso ponto de vista poderá, com efeito, ser acusado, por alguns, de negação á belezza. Serão, por acaso, menos presadas as bençãos que a Belezza derrama sobre nós? Nunca. Nossa analyse não representa em absoluto tal ameaça. Não podemos, porem, perder de vista a gravidade da hora que passa, que é a hora de combate. Amargurados e rebelados, não podemos experimentar o supremo bem-estar debaixo da sombra purificadora da Belezza. Maldade e belezza são elementos incompatíveis. Peçamos portanto, á ultima, tres vezes perdão e afastemo-nos por um momento d'ella.

E como o pastor que comovido pela paizagem arrebatadora que o ro-

deia, fixa n'ela a sua atenção desviando-a do seu rebanho, enquanto os lobos que o espreitam aproveitando-se da sua distração, seus anhos — assim arriscamos neste momento — caso volvamos o nosso olhar para a “pura espiritualidade”, — de perder os nossos valores culturaes, pois as feras nada mais fazem que espreitar-nos.

Repetimos: não pretendemos combater o influxo ultra-terrestre da Arte, a sua bendita função de nos transportar e sensibilisar; não queremos conduzir-nos ao erro de ir contra as deduições esteticas na Arte. Isto constituiria, n'uma infração ás suas leis, a profanação de seus ensinamentos sublimes. O que visamos é apenas salientar a sua significação ethica e realçar o sentido social da Literatura.

E, sobretudo, frisar a missão pugna-dora que se deve incumbir a Literatura dos nossos dias dramaticos.

A Literatura deve ser interpretada como um dos mais perfeitos instrumentos de combate.

Esse é o seu verdadeiro sentido.



# ESPORTE NO

## ASPECTOS DOS CLUBES DE FUTEBOL - A FA ESTAÇÕES - OS CAMPOS DOS SUBURB

O desenvolvimento cada vez mais acentuado do esporte menor, que engloba todas as atividades esportivas nos subúrbios da cidade do Salvador, é em síntese, a prova mais eloquente de quanto vale para o povo o futebol. Podemos afirmar sem receios, que o futebol é o esporte das multidões, o mais popular dos esportes na Bahia.

Se formos levantar uma estatística dos clubes suburbanos, incluindo também o esporte menor do perímetro urbano, encontraremos de Itapagipe à Barra, da zona do Cais do Porto às Quintas, Brotas, Rio Vermelho e bairros circunvizinhos, um número fabuloso de clubes que daria para formar a mais potente das federações esportivas. Clubes esses, que são a grande reserva, em quarentena, do voluntariado do esporte nacional.

Os Clubes Suburbanos são uma força em constante dispersão, pela falta de unidade, de cooperação esportiva, entretanto, poderiam ter, si não fosse o desprezo, a falta de assistência, o isolamento em que se encontram, um destino muito mais digno, bendizente mesmo, com o seu valor numérico e as suas energias latentes. É necessário que se aproveite essa grande força dos Subúrbios como um meio de contribuir para a preparação dos melhores quadros de reserva do esporte nacional.



O Pilar F. C. posando para nossa objetiva

Opinamos para que o futebol seja, não somente, em virtude do seu enraizamento profundo entre as mais amplas camadas da população, o processo mais eficiente de desenvolvimento físico mas, que ande também paralelo ao desenvolvimento do espírito.

Se fosse possível conseguir dos governos do município, do estado e da nação uma subvenção anual para auxiliar o desenvolvimento do esporte menor, esse teria que chegar a ser, realmente uma força esportiva aquartelada, e não pelotões esparsos, sem unidade, e, conseqüentemente, fadado a baquear frente os obstáculos econômicos de todos os dias. Todavia, se é difícil um auxílio de fonte oficial, os Clubes Suburbanos devem realizar para si mesmos, esse benefício, através de torneios, de rodadas esportivas largamente anunciadas, tendo como objetivo único soerguer o esporte menor, levando-o de forma, que possa ser visto, como a expressão real e poderosa daqueles que dão sua energia física e mental ao esporte do povo, sem esperanças de recompensas materiais.

Indispensável, porém, é a criação de uma entidade esportiva suburbana, que tanto pode ser uma federação de esportes suburbanos como uma Liga, que represente as aspirações de todas as associações suburbanas, prestigiada e ircentivada pelos Clubes. Outra coisa essencial, que recomendamos aos Clubes Suburbanos, na qualidade de esportista experimentado — é a fundação inadiável de um Jornal Esportivo, que focalise sob a orientação segura do esporte menor a situação dos Clubes Suburbanos, obedecendo um programa que realce a vontade unânime de todos os Clubes, isolados das divisões oficiais do esporte nacional. Dando-lhe uma linhagem onde haja em traços largos e definidos um só ideal — dar vida e difundir num sentido fraternal e educativo tudo que se relacione com o esporte abandonado dos subúrbios.

Acrescentamos, que para haver unidade esportiva entre os pequenos

# SUBURBIOS



DE UMA LIGA SUBURBANA - TORNEIOS DAS  
- RESERVAS DO ESPORTE NACIONAL



Aspecto de uma partida en're o Pilar e Torre Eiffel

Clubes, uma coisa se torna indispensável — cultura. Pelo seu valor construtivo na formação da personalidade humana, que se reflete no florescimento da inteligência do homem. Por tanto, todo Clube suburbano deve organizar, conforme as suas possibilidades, uma biblioteca, porque as duas preparações culturais devem seguir paralelas, forjando assim, nas oficinas das mais nobres atividades, uma conjugação de energia, força e inteligência.

Passemos agora em revista os Clubes Suburbanos para que tenhamos uma visão do valor esportivo desses Clubes que ainda estacionam, quando tropeçam por falta de unidade que os faça levar de vencida os entraves que lhes apareçam. Em ordem alfabética é essa a no-

menclatura dos Clubes Suburbanos da Cidade do Salvador.

A - Apolo, Agradinho, America da Prainha, Aliança, Aimoré, Acre, Amazonas e Amapá.

B - Bahia Atletico, Bela-Vista, Boa-Vista, Bragança, Bomfim, Botafoguinho, Bomsucesso, Bremen, Baluarte, Barra, Barcelona.

C - Cruz Vermelha, Corinthians I, Corinthians II, Corinthians III, Construção, Cruzeiro do Sul, Columbia I, Columbia II, Comercial, Cruzeiro do Oriente, Continental, Cadete, Calouros.

D - Danubio, Dois de Julho.

E - Eletrico, Encima da Hora, Especializados, Empreza Amado Bahia, Engenharia, Equador.

F - França, Floresta, Ferroviarios.



O Gloria Futebol Club

- G - Guanabara, Gloria, Craça.
- H - Humaitá.
- I - Independencia, Ideal, Itatiaia
- Iris, Internacional.
- J - Jequitiaia.
- L - Luzitano, Luzitania, Londres.
- M - Moinho da Bahia, Madureira, Madrid.
- N - Nego, Nascente, Noite, Nacional.
- O - Oceania, Ouro Preto, Ouro Negro
- P - Pilar, Porbaia, Paris, Palestra Conceição, Palestra Monteiro, Palmares, Palmeira, Pirajá, Penedo, Progresso, Pópó-Bahiano.
- R - Racing, Roial I, Roial II, Roma, Rio Branco, Rio Preto, Rio Vermelho.
- S - Santo Antonio, Sul America, São Paulo, São João, São Salvador, Santos, Stela.
- T - Torre Eifel, Tabaris, Tupan.
- U - Universo, Uracan, União, Urano
- V - Vila-Nova, Vezuvio, Veneza I
- Veneza II, Vinte e dois rapidos, Veteranos, Veteranos do Tejo, Vila Real.
- Z - Zelandia.

Agora os Clubes Suburbanos que já passaram para a segunda divisão, sem se registrar aqueles que não são reconhecidos através do noticiário esportivo, que jogam sem chuteiras e os que não têm sede, vemos na exposição que encima este periodo 116 Clubes, no entanto, podemos garantir que ha dispersos pelos recantos da Cidade, dos mais amplos aos mais obscuros, numero que supera o exposto, independente dos que nascem e morrem quasi todos os dias.

E' o esporte das multidões. Militam nas suas fileiras tanto o capitão de areia como o funcionario de categoria. E o unico divertimento, num país como o nosso,

que é pobre de diversões. E nisso está o fundamento da sua popularidade, tornando cada vez mais simpatisado pelo povo.

O esporte menor deve por si proprio transformar-se, porque já não é mais uma força em formação — é uma realidade. Falta-lhe apenas, o espirito de união para que ele se torne uma afirmação no ambiente esportivo nacional.

Falando do esporte menor era indispensavel que dissessemos alguma coisa sobre os campos onde o mesmo é praticado Para começarmos, tomemos como fio dessa meada o do Papagaio em Itapagipe. Este fica em frente a Fabrica Paraguassú. E' aberto como quasi todos, seu estado é pessimo e está predestinado a desaparecer, quando a Prefeitura quizer. O da Boa Viagem, ali junto á Vila Militar, está numa fase deploravel. Campo este que com mais um pouquinho de boa vontade, de iniciativa e recursos, poderia concorrer com mais preponderancia para o fortalecimento do esporte menor. O do Cortume desapareceu. O de Santo Antonio á Estrada da Liberdade, dentre os demais, não obstante ao desenvolvimento do terreno e a sua relativa pequenez, é o mais perfeito, não só pelo melhoramento que tem passado, assim como tambem pela densidade da população daquele bairro. E' o campo que concentra nos domingos um numero avultado de pessoas. O do União não corresponde, embora seja o melhor, mais pouco e pouco vae se miserabilizando. O do Tejo outros tantos ainda são insuficientes e para conter o esporte menor na sua grande marcha de prosperidade numerica.

No conjunto da vida esportiva dos Clubes Suburbanos vão se formando quadros juvenis que são as mais vivas



Torre Eifel Futebol Clube

# A LICÇÃO DO PETRÓLEO

NELSON DE SOUZA SAMPAIO

Ao lado da crônica geológica, sociológica e econômica, a descoberta do petróleo brasileiro poderá, sem dúvida, dar margem também à crônica psicológica.

O petróleo é — entre inúmeros que asfixiam a vida nacional — um “tabu” que cae. Foi violado, e a repercussão emocional ainda percorre, num mixto de expectativa, de júbilo e de temor, a alma coletiva.

Sobre a nossa infância de povo, a natureza ainda nos impõe o seu matriarcado opressivo, dominador, absorvente. Ainda a receiamos como uma coisa sagrada, cujas forças e mistérios devem ser preservados do domínio profano do homem. Na sociedade dos

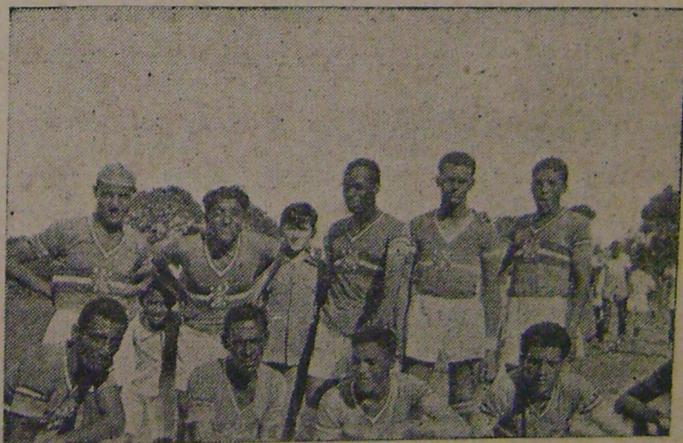
povos, como na dos indivíduos, há a classe privilegiada, aquela que goza do direito de manter contato com a divindade e penetrar os seus arcanos, isenta da punição irrevogável que atingiria os não iniciados. O Brasil pertenceria, entre os povos, no tocante à divindade do petróleo, ao número destes últimos. Para reforçar essa interdição religiosa no inconsciente coletivo, procurava-se associá-la, quando não justificá-la, por um verdadeiro “sentimento de culpa” ou de inferioridade, que o teria prescrito, mesmo entre as suas irmãs nas famílias de nações, do banquete de generosidade materna da natureza.

E a crença era alimentada

esperanças do esporte menor. O que desenvolve e dá vida ao esporte é a sua prática constante metódica e racional, e para que o esporte menor intensifique mais a sua atividade não deve se apegar unicamente a partidas isoladas. Deve organizar campeonatos sucessivamente, porque, para isso, há Clubes até de sobra.

Dispõe de forças suficientes para levar a efeito quatro campeonatos durante o ano, assim compreendidos — campeonato do inverno, do verão, do outono e da primavera. E fazer outros torneios em São João e Natal. Para isso é bastante que se organize uma federação esportiva suburbana.

Entretanto, uma das maiores debilidades — é a falta de cooperação, de auxílio monetário dos associados, pela falta de compreensão e responsabilidade social e, ainda é uma grande falta de amor à agremiação que lhe proporciona algumas emoções. Toda sociedade deve ter como base para a sua existência os seus sócios, esses estão no dever moral



Vila Real Futebol Clube

de mantê-la, e dirigi-la, fortalecendo o quadro social e preparando-o sempre que preciso para o revezamento do Diretorio, dando aos associados a liberdade de livre escolha no sentido de fazer expressar através da opinião dos que compõem as suas aspirações, os seus anseios com uma decisão que deve caracterizar o espirito de continuidade construtiva.

por um ritual de negação, a serviço da "magia da palavra", de cuja fase não nos libertamos ainda para o estagio de objetivismo critico. Tinhamos orações quotidianas, exércismos tradicionais para a nossa penitencia de pecadores: "Temos de tudo, excepto o petroleo". — O que não pode entre nós a propaganda? — Muitos havia, e ha evidentemente, que aumentavam o rol das interdições impostas para a nossa expiação. A ausencia de petroleo seria uma compensação á imensidade das nossas fronteiras, e aos tesouros fabulosos de que somos possuidores em outros dominios. Para que o petroleo, se temos de tudo mais? — E a lista das cousas proibidas se alonga, por aí a fora: Para que a democracia se ainda não estamos preparados para recebê-la? Para que liberdade se ainda não temos maioridade suficiente para espôsa-la? Para que educação se seria o mesmo que tentar irrigar "um deserto de homens, e ideas"? — Continua assim o "memento" pessimista.

Aquelle primeiro "tabú", porém, o do petroleo, acaba de ser violado. Ao menos para uma grande lição — a lição da pertinencia, da pesquisa, da comprovação experimental. Em lugar do imperio das frases feitas, — a vitoria dos fatos. Em vez do dogma e do argumento de autoridade, — a duvida e a investigação, para assim convencer-mos, no minimo quanto ao petroleo, que "furando, dá", como a sabedoria de agricultor do matuto podia afiançar que "plantando, dá". — Cumpre pois, uma vez adquirida essa certeza, não ficar somente na inativa sapiencia daquelle ser-

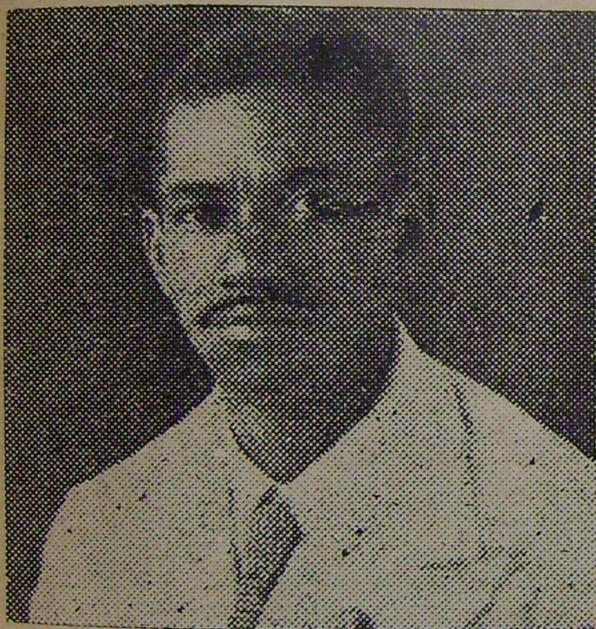
tanejo. A vida do petroleo brasileiro apenas se inicia. Ele é tão somente um recém-nascido, e agora, nos seus primeiros passos, requer ainda mais cuidados e dedicação. Foi-lhe longo e penoso o "trauma do nascimento". Seja-lhe doravante progressiva e compensadora a sua continua ascensão das matrizes do sub-solo para a luz do sol, dos forceps das sondas para as articulações fermentes das maquinas, — e com ele, certamente, se dinamizará mais a vida nacional do que com todas as meras realizações de palavras. Mais do que todas as toneladas de discursos vazios, ele poderá insuflar um novo alento ao corpo do Paiz, por cujas arterias levará, circulando, a unidade, a riqueza, e a operosidade nacionaes.

Não deixa de ser expressivo que caiba á Bahia mais essa prioridade, em dar as primeiras alviças desse rejuvenescimento, — ela que velou com carinho a infancia da nacionalidade. Não lhe postergaram esse direito de progenitora de, sobre o mesmo chão que o heroismo de gerações passadas embebeu de sangue para repelir o dominio estrangeiro, — ver aflorar agora o sangue rico da propria terra, para consolidar o fruto daquelle sacrificio. Nutriu ela a nação amanhecete nos seus "seios titanicos" com o branco leite da sua espiritualidade, e deverá tonificar o seu organismo adolescente com esse licor de generosidade das suas rochas. Levou-nos hontem á pia batismal da civilisação, possa hoje levar-nos ás fontes da prosperidade. E que as forças adversas não consigam estancar jamais nem estas ultimas, nem as fontes lustraes do seu espirito.

# O PANTEÍSMO DOS NEGROS DO RECIFE

Uma opinião geralmente sustentada por aqueles que abordam problemas sociológicos entre nós é que o negro brasileiro acha-se perfeitamente ajustado ao meio em que vive. No Brasil, afirmam apressadamente esses senhores, o negro, amolecido pela cultura da cana nos engenhos, se sente inteiramente adaptado, como se estivesse em sua própria casa.

Lamentamos discordar dessa opinião, que aliás é defendida por um estudioso do problema como o Sr. Artur Ramos. Pensamos que, para melhor com-



José Amaro Feliciano, o Pensador

preensão do assunto, é necessário distinguir entre meio físico e meio social. Quanto ao meio físico, é incontestável que o negro trazido da África e com muito mais razão o seu descendente encontrasse no Brasil condições absolutamente satisfatórias à sua existência. O mesmo, entretanto, não se verifica com relação ao meio social. Em nosso modo de ver, o negro brasileiro, à parte as exceções individuais, continua a ser um desajustado ao meio social. Não por incapacidade para adaptar-se a uma nova situação, como pretende certa Sociologia impregnada de preconceitos racistas, mas pelas dificuldades de ordem varia que ele encontra para um harmonioso desenvolvimento de suas possibilidades.

Somos um país onde até cinquenta anos atrás existia a escravidão negra. De modo que essa grande massa de homens embrutecidos pelo trabalho escravo, na sua maioria ocupados nas fainas

## CLOVIS CAMARÃO

agricolas (as lavouras do assucar, do café, etc.), viu-se de um momento para outro diante da contingencia de proceder a um novo ajustamento social. E tão curto é o prazo que nos separa de 88, que só recentemente, pode-se dizer, o negro brasileiro realiza a sua experiencia como homem livre.

Não tendo organizado a sua vida num sentido contrario ao do resto da população, á maneira do que se verificou com o negro norte-americano, ele nos dá precisamente a impressão de ser um extranho dentro de sua própria casa.

Si é verdadeiro o logar-comum que afirma não existir no Brasil um problema especificamente negro, á semelhança do que ocorre nos Estados Unidos, não menos verdadeiro é o fato de que ha entre nós problemas em cuja solução os negros são diretamente interessados.

Vivendo em condições sociais de uma inferioridade evidente, como de resto outras camadas da população brasileira, eles traduzem em termos de um misticismo religioso extravagante certas aspirações comuns aos de sua raça.

x x x

Aos estudiosos do fenomeno religioso dos negros no Brasil não pode passar despercebida essa interessantissima manifestação que é o Panteismo dos negros do Recife.

Um conhecido sociologo, o Sr. Gilberto Freyre, na segunda edição de sua obra "Casa Grande & Senzala", refere-se de passagem esse novo culto ressaltando a identidade entre alguns aspectos exteriores do Panteismo afro-pernambucano e os da religião mussulmana, no continente africano. Como é sabido, para o Brasil foram trazidas, a partir da primeira metade do seculo XVI, numerosas lévas de escravos oriundos das mais variadas areas de cultura da Africa, entre os quais negros de filiação religiosa mus-

sulmana, que se concentraram principalmente na Bahia, organizando-se em uma poderosíssima seita (1).

Não estamos certos quando á presença desse elemento na antiga Capitania de Duarte Coelho; porém mesmo admitindo-se que para os engenhos e lavouras do litoral de Pernambuco não se tivessem deslocado correntes de negros mussulmanos, somos levados a aceitar a possibilidade de que a influencia desses negros de cultura superior se irradiasse sobre diferentes pontos do país, inclusive Pernambuco.

Diretamente, por intermedio do negro escravo, ou indiretamente, através dos colonizadores portugueses (na época da expansão marítima e comercial saturados de cultura arabe e moura), a influencia mussulmana não foi um fato extranho ao nosso ambiente colonial.

Assim, o Sr. Gilberto Freyre vê na adoração da Estrela d'Alva (2), que domina todo o simbolismo Panteísta, uma sobrevivencia da religião mussulmana. Também o uso de vestes de côr branca pelos adeptos do culto seria outro residuo da cultura mussulmana.

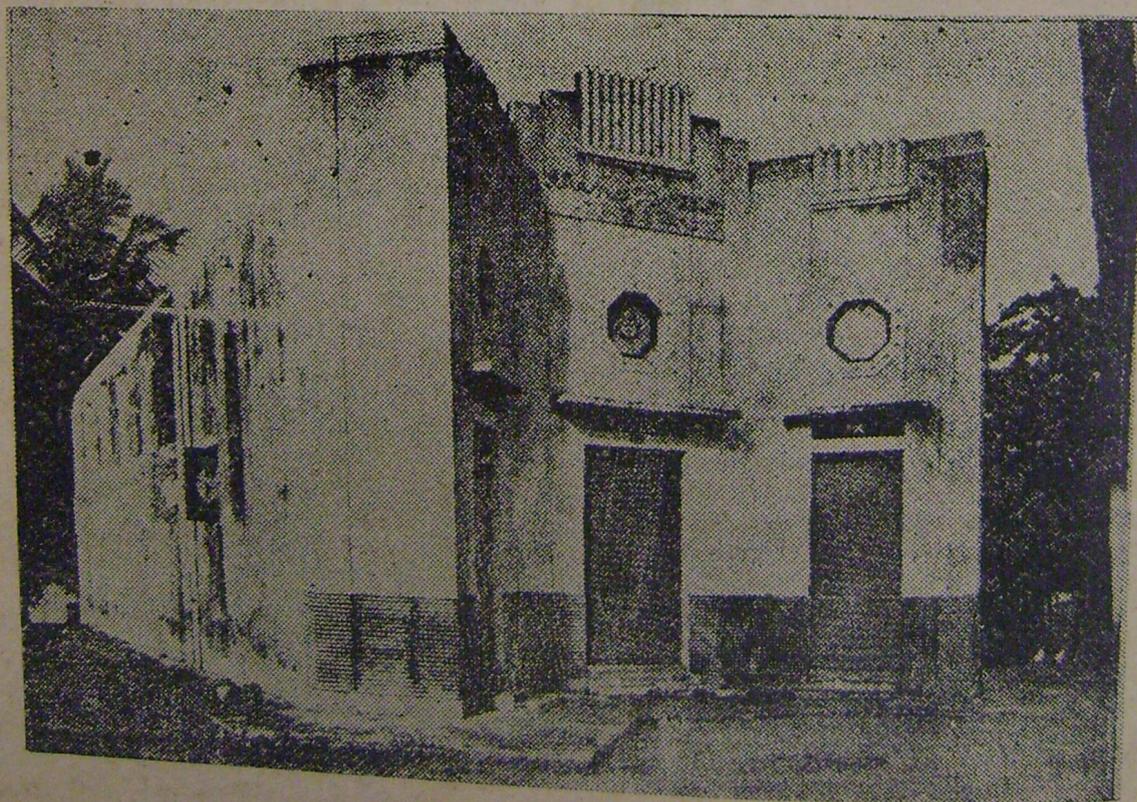
Em um trabalho de divulgação do Sr. Vicente Lima, um dos organizadores do Centro de Cultura Afro-Brasileiro, no Recife, e ao que parece um partidario da

doutrina Panteísta, encontramos preciosas indicações que nos permitem identificar outras influencias que entraram na constituição desse movimento religioso, cuja existencia legal foi interrompida após os acontecimentos politicos de 10 de Novembro (3).

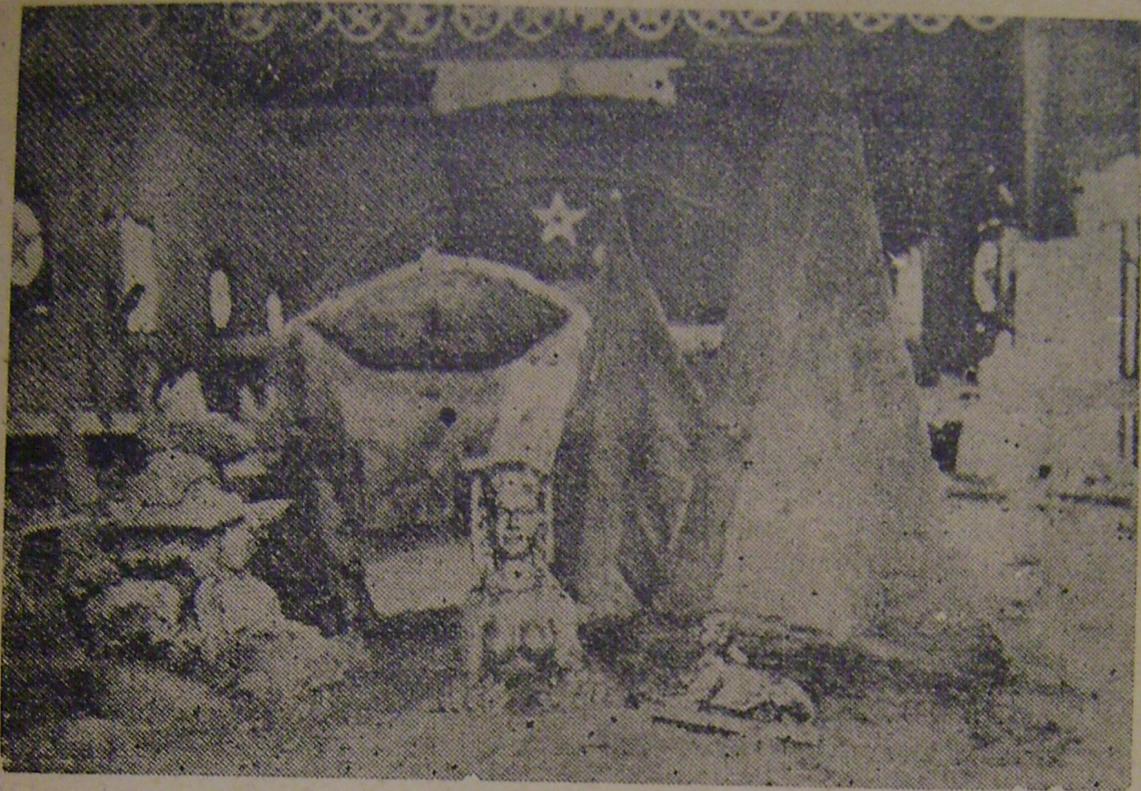
Importante foi a sugestão que sobre esse novo culto teria exercido a Maçonaria. Não só o seu simbolismo (4), porém o seu ritual (5) estão impregnados de influencia maçônica. Esta pode ser evidencia ainda no carater associativo da seita: os seus partidarios assumem o compromisso de auxiliar-se mutuamente, construindo habitações para as suas familias, socorrendo-se nos momentos de necessidade, etc.

Não foi menor também a contribuição do Espiritismo, visível em muitas de suas praticas. Eles se crêem em comunicação espiritual com povos de outras raças, e, quando *atuados*, falam estranhas linguas. Todavia, os Panteístas não consideram o nosso globo um lugar de sofrimentos e expiação de faltas cometidas em outras vidas, o que neste particular os distancia bastante do Espiritismo.

Como uma derivação que é da religiosidade afro-brasileira, o Panteísmo aparece transpirando animismo por todos



Templo Panteísta Brasileiro, na Estrada do Fundão, Recife



Esfinge modelada em areia. Para os Panteístas o habitante encantado das matas

os póros. Para os Panteístas, matas, bosques, águas e estrelas são moradas de habitantes misteriosos, dos quais eles acreditam receber atuações benéficas. No fundo, a mesma noção das divindades protetoras que encontramos não somente entre os povos de vida primitiva, mas também, posto que sob forma menos aguda, nas sociedades tocadas pelo progresso das ciências.

Eles identificam Deus com a Natureza, a quem nos seus hinos chamam de Mãe. Na Natureza estão encerrados todo o Bem e toda a Verdade. Esta divinização da Natureza, que encontramos não só no sentimento poético, mas mesmo generalizado entre os homens do povo no Brasil, é ainda uma expressão do seu animismo.

Finalmente, uma ligeira observação sobre a moral doutrinária dos Panteístas.

Nela nada encontramos do vago-místico filosófico que caracteriza certos sistemas de moral religiosa, com base em compensações extra-terrenas, porém um corpo de obrigações práticas decorrentes de suas necessidades atuais. Não têm outro sentido os seus apêlos à *união*, à *fraternidade*, à *defesa dos oprimidos*. São mandamentos morais que correspondem às aspirações da grande família negra do Brasil.

- (1)—Ver a propósito “La Secte Mussulmane des Malés du Brésil et leur revolte en 1835”, Abbé Etienne, 1905.
- (2)—*Japír*, na denominação dos Panteístas. Nas suas excussões ao campo, os adeptos da seita aguardam o aparecimento da estrela, á qual dirigem saudações.
- (3)—O Centro Panteista Brasileiro, com existência jurídica desde 1935, mantinha um lindo templo no Fundão, Estrada de Beberibe, zona típica dos Xangôs e Catibós no Recife.
- (4)—As esfinges com cabeça de mulher e corpo de leão. Essas esfinges a que os Panteístas denominam *adorações*, têm, ao contrario das egípcias, um significado diferente, simbolizando os habitantes encantados das matas. São modeladas em areia pelos adeptos do culto nas vespers das sessões do Centro. Apesar da precariedade do material empregado, atestam um apreciavel talento plástico dos seus autores.
- (5)—Nas reuniões do Centro, o *Pensador*, como é denominado entre os Panteístas o fundador da doutrina, José Amaro Feliciano, especie de Grão-Mestre negro bastante estimado pelos seus, recita versiculos que são explicados á assistência pelos *definidores*.

Apenas desejo falar sobre as Lavras de Ouro. As Minas de Ouro da Baía, percorri-as todas: Itapicurú, Itapicurusinho, Gaiva, Cocho, Canavieiras, Socego, Jacobicaba, Rampa, Cuia, no Município de Jacobina, Maravilha, Frincha e Canavieiras no município de Saúde.

Lugares, lugarejos, aldeias, garimpos. P'ra mais de trinta mil pessoas habitam esses povoados. Não são apenas jacobinenses, bahianos, ou mesmo brasileiros: são russos, italianos, ingleses, hespanhois, "gringos", ali estabelecidos falcando o precioso metal — onde ha em abundancia.

Logo pela manhã, gente de todos os climas, todas as raças e todas as nacionalidades, dirige-se alegre para a serra imensa, a cordilheira sagrada. Os sons ritimados das marretas, confundem-se com os tiros dos explosivos nos fundos abismais dos subterraneos, dos tuneis e das minas, para romper as rochas e os cristais durissimos — entranhados nos quais, encontram-se pepitas amarelas.

Grupos e quadrilhas de homens, mulheres, crianças e velhos, sobem a "rampa", sorridentes, extasiados ante o panorama sereno que se nos oferece a Serra do Espinhaço. As palmeiras, descuidadas, balançam seus doces leques, "emquanto ao longe cantam eternas sinfonias" as ondas preguiçosas do Itapicurú, rio caudaloso e manso que banha toda Serra — oferecendo as "lavandeiras" onde os "calumbis" rodopiam em mãos calosas, na apuração do ouro, com o auxilio do Mercurio, ou azogue como chamam os garimpeiros. Nas sombras tranquilas das cajazeiras cantam cantigas tristes — os exilados do lar pela atuação funebre das inclemencias climaticas no vasto Nordeste brasileiro, desconhecido pela engenharia moderna e eternamente despresado pelos governos... ou nas sombras profundas dos terreiros, canções de amor e de ternura, aos sons plangentes da sanfona, do violão e dos tamburins...

As "Feiras Comuns" desses logares todos, são aos Domingos. O Itapicurú, em Jacobina é o melhor Centro. P'ra lá converge gente de todos os rincões do Brasil. Centenas de caminhões, onibus, automoveis, transitam superlotados de viajantes em busca de uma vida melhor...

## AS MINAS DE VALDEMAR

Os garimpeiros de Minas Gerais encontram os do Ceará: nos bancos duros dos bars e dos restaurantes improvisados, ouvem o radio, admiram o heroismo dos "aliados" no front e nos mares, e contam anedotas alegres de Cornelio Pires em troca das canções ardentes de Catulo. Aventuras do Padre Cicero e Lampião, em troca dos feitos de Bartolomeu Bueno e Antonio Raposo.

Os "piquás" repletos de ouro, são trocados por Cédulas novas, extraidas do Banco do Brasil, ou da Filial da Caixa Economica de Jacobina.

Terminada a feira, ás festas, ás farras, aos cabarés. É uma lida formidanda! Embora contra o preconceito do ouro, admiro, fervorosamente, a sua atuação, especialmente nesses tempos de sêca, em todo o nordeste brasileiro.

**O CONTRASTE** Os garimpos são dotados de riquezas incomensuraveis. O movimento comercial é belo e empolgante. Porém, em meio a toda essa riqueza observam-se as maiores miserias e as mais desmedidas calamidades, — característica, aliás, da vida nos sertões nordestinos e das populações adventicias.

Ha, apenas no Itapicurú, pra mais de doze mil casas de residencia. Mas, não! Não são casas! São palhoças, choupanas, casebres, casuchas, de tres metros de largura por dois e meio de altura, cujas paredes são de palha, e de palha o teto... Sala de jantar, quarto de dormir, e cosinha de duas e tres familias. Crianças impúberes, mulheres tuberculosas, velhos epilepticos, rapazes paludados, vivem sem a menor separação. Debaxo do mesmo tecto, alimentam-se no mesmo prato e bebem no mesmo caneco.

A sífilis, a tuberculose, completam o contagio de toda a região, apenas arborisada pela flora imensa que a natureza lhe deu.

Em parte é gente sensata e boa, vencida pelo destino. Mas o povo começa

a encarar de perto os seus problemas.

Nota-se, já, grupos descontentes, brutos, destemidos... Homens fortes, faces curvadas, olhar prescrutador, altivo, grande. Calmos, pouco trabalham... *Pensam!* Para a voz do comando.

## NO SETOR ADMINISTRATIVO

As minas parecem desconhecidas pelos governos. O seu povo não sabe sequer, se ainda existe esse governo. — Alguns ainda pensam no cap. Juracy,

Ligando Jacobina ao Itapicurú, rodopiando em curvas, uma pequena rodovia, verdadeira escada lavrada na serra. O unico serviço de transporte existente é de iniciativa particular, passagens a preços exageradissimos... Um pequeno trecho ferroviario da «Leste Brasileiro», que nos leva de Jacobina á Caixa d'Agua, perto de Saúde, passando por Caen, é servido por tres classes sem capacidade de conduzir um quinto dos passageiros.

Trinta mil habitantes e não ha, sequer, duas escolas publicas. Pra mais de seis mil crianças, analfabetas, tabarôas, animalisadas, vegetam, entre as feras na serra e não sabem quem é o responsavel pelos seus destinos.

## ASSISTENCIA SOCIAL

Precisamente doze mil garimpeiros, sujeitos a doenças horriveis. Raro o dia não se regista centenos de desastres nas serras e nos subterraneos. Uns que se arrebetam, pernas quebradas, braços luxados, cabeças partidas, espinhas "torcidas", invalidês, orfandade, miseria... E não ha um só hospital, nenhuma proteção á infancia que perambula pelas ruas como cães vadios.

Maravilha é localizada no cume da serra. O chão é eternamente humido. As crianças ali nascidas não teem desenvolvimento algum. Comumente raquiticas, por falta de alimentação. Amanhã serão homens doentes, incapazes de trabalhar e pro-

# OURO DA BAHIA

## ALMEIDA

duzir. E ainda cobram imposto pela vendagem de drogas! Eu atribuo ser uma caridade vender-se drogas onde todos precisam de remedios; Penso mesmo que o governo deveria mandar distribuir medicamentos ali.

## ORDEM PUBLICA

A ordem é mantida por uns poucos soldados. Apenas 6 soldados da Força Publica Militar. Na maioria dos casos em que intervêm, de pouco ou nada vale. Muitas vezes essa ação tem um efeito contrario ao que devia ter: aumenta o barulho. Acontece aliás, como em quasi todos os lugares do sertão onde os soldados se esquecendo de seus verdadeiros deveres, aproveitam-se da parcela de poder que dispõem para cometer toda sorte de arbitrariedades. Outras vezes, deixam-se influenciar pelos "importantes" da cidade e nesses casos tornam-se uma especie de milicia particular.

O sertanejo sabe muito bem disso e até acha melhor poucos soldados. Gosa-se, assim, de uma relativa tranquilidade...

Os coletores e um fiscal da prefeitura completam o quadro; os impostos e a arrecadação são infalivelmente cobrados em todos os lugares.

## TERMINANDO

Percorri quasi todo o Estado da Bahia. No Nordeste, ainda existem: usinas que se enferrujam, estradas que desaparecem, pontes que ruem, em todo o vasto sertão já quasi despovoado.

Vê-se gente apenas nos garimpos. Lá vegeta um grande povo, munido de cerebro e coração — capaz de edificar e destruir imperios e republicas.

Vi muita cousa boa e muita riqueza; muita alegria e muita miseria; muito equilibrio e muita loucura, e, sobretudo, muita cousa nova. O que de mais belo, mais honesto e mais grandioso observei, foi a comunhão das massas, no trabalho honrado e dignificante — pelo pão, — e a luta dos trabalhadores brasileiros, no palco magestoso dessa natureza rica e fecunda.

# O HUMANISMO DE

E' certo que Euclides da Cunha não foi compreendido pela critica indigena, quando do aparecimento de seu monumental livro "Os Sertões".

Com efeito, não podia ser compreendido quem, rompendo assim com o pieguismo romantico e com o artificialismo politico do meio ambiente, dava á publicidade uma obra tal, de merito extraordinario, honra e gloria da mentalidade nacional.

As meninas cloroticas não acharam nas paginas cintilantes de estilo e esplendidas de fórma, de "Os Sertões", a agua-de-flôr para as palpitações de seus corações enfermos. Os poetas boemios e sensuais das avenidas cariocas não descobriram ali fonte de inspirações para os seus versos quentes, cheios de erotismo.

gencia e em espirito. E' uma obra, pois, de revelações sucessivas, continuas, no focalizar fenomenos de ordem geral, de uma terra ainda hoje virgem, de um homem ainda hoje indistinto de uma luta que até hoje não cessou.

E foi isto: a terra, o homem e a luta, o que Euclides tomou, com genialidade, para a divisão dos estudos e das descrições que completam o mais brasileiros de todos os livros brasileiros, e um dos livros mais humanos de que temos conhecimento, nesta nossa fome de lêr, de lêr sempre, de lêr tudo, fome que até agora, Deus louvado, não conseguimos saciar, não obstante o quanto já temos devorado, de bem e de máu, a lamentar, desde agora, parodiando o poeta, que para tão grande fome, tão curta vida.

## ANTONIO OSMAR GOMES

Tão pouco, naquelas paginas, os homens graves das classes liberais como das classes conservadoras, os doutores e os farizeus da *inteligencia* nacional, ali fôram encontrar arengas conselheirescas ou fórmulas sedições de salvação publica, onde pudessem mergulhar a sua mediocridade e a sua hipocrisia.

Porisso mesmo que a obra de Euclides, unica no genero, então, e até hoje inexcédível, continúa, permanece, quasi diriamos, eterniza-se, como tudo quanto tem o cunho da genialidade.

E "Os Sertões", indiscutivelmente, é uma obra genial.

Em todos os seus capitulos, em todos os seus aspétos, em todas as suas idéas, nota-se a centêlha do genio que assimilou tão bem o tema e o desenvolveu magistralmente, através de observações profundas e de conceitos justissimos.

De cada vês que manuseamos as paginas desse monumento vivo do pensamento humano, voltamos com impressões novas, com outros muitos conhecimentos do assunto, surpreendendo idéas e penetrando téses que dantes não haviamos surpreendido nem penetrado. E' tal a multiplicidade dos temas estudados e oferecidos ao estudo e a meditação do leitor, que o livro não envelhece, e não se descobre nunca, totalmente, a quem o lê, por mais arguto que seja em inteli-

\*\*

Propondo-nos encarar, aqui, o imortal escritor, sob o ponto-de-vista, dos caracteristicos de humanismo de sua obra-prima, interessa-nos, no momento, apenas a segunda parte do livro, essa em que o homem brasileiro é estudado a fundo, seriamente e sabiamente, com profundo conhecimento de causa, sob o amparo de constantes investigações pessoais, em viagens de norte a sul, no litoral e sertão a dentro, até aonde Euclides foi levado, não somente pelas obrigações de sua profissão, como também pela sua febre de estudioso e de patriota.

E' que n'"Os Sertões", digamos de passagem, Euclides revela o seu grande sentimento de amor á patria, dizendo aos brasileiros e ao mundo inteiro o que é o Brasil, na sua grandeza imensa e nas imensas possibilidades de sua gente, e o que poderá vir a ser, através dos tempos e das civilizações, no concôrto dos maiores povos do glôbo,

O seu humanismo está plenamente definido no descrever, fielmente, o caráter das populações sertanejas que o surpreenderam, naquele curioso trecho da terra brasileira, onde se desenrolou a epopéa sangrenta de Canudos

E' o seu senso de um humanismo brasileiro (si é que possamos restringir o sentido deste vocabulo de extensão

# EUCLIDES DA CUNHA

infinita, a um determinado povo ou a uma determinada nação), o que se nos depara nessa segunda parte da obra gigantesca, que imaginou, escreveu e publicou, gritando-nos aos ouvidos e á consciência o nosso condenável desconhecimento de nós mesmos, o nosso criminoso abandono votado áqueles homens, como nós, cuja unica infelicidade, para serem desprezados por inferiores ou incapazes, era a de haverem nascido no coração vivo do Brasil.

Tanto assim foi o senso de verdadeiro humanismo de Euclides, ao planejar e escrever a sua obra genial, que não quiz perder-se em simples ou complexas divagações técnicas e científicas, pouco atraentes, a seu vêr, e, a nosso vêr, bastante discutíveis neste caso singular da complicada etnologia brasileira.

Euclides preferiu, como disse, "considerar diretamente a figura original dos nossos patricios retardatarios. Isto sem método, desprezenciosamente, evitando os garbosos neologismos etnológicos".

E justifica, a seguir, essa sua atitude em face do grande assunto, dizendo, textualmente, lhe faltarem tempo e competência para se enredar em fantazias psíquico-geométricas, que hoje se exageram num quasi materialismo filosofico, medindo o angulo facial, ou traçando a *norma verticalis* dos jagunços. Pois, acrescenta, si se embaraçasse nas imaginosas linhas dessa especie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendesse melhor.

E, de fáto, uma de suas grandes virtudes no apreciar a complexidade do fenomeno étnico brasileiro, foi a de jamais se haver embaraçado nessas tais referidas *imaginosas linhas*, em que muitos outros se têm embaraçado por diletantismo, sinão mesmo por pedantismo academico, ou ainda bacharellice.

Considerou, com rara felicidade de observação e de expressão, o brasileiro como "tipo abstráto que se procura".

Crítica o extravar de fantasias, sobre ousadas, estereis, de nossos antropologos, entre os quais reinam tantas disparidades de vistas. Alude a "um como excesso de subjetivismo que ha no ánimo dos que entre nós, nos ultimos tempos, cogitam de coisas tão sérias com uma

volubilidade algo escandalosa, atentas ás proporções do assunto".

Assim é que os distingue como jogando, depois, e entrelaçando, e fundindo "as três raças consoante aos caprichos que os impelem no momento", e fazendo "repointar desta metaquímica sonhadora alguns precipitados ficticios".

De alguns diz que, "com autoridade discutível, firmam preliminarmente a função secundaria do meio físico e decretam preparatoriamente a extinção quasi completa do selvicola e a influencia decrescente do africano depois da abolição do tráfico, para prevêrem a vitoria final do branco, mais numeroso e mais forte, como termo geral de uma serie para a qual tendem o mulato, fôrma cada vês mais diluida do nêgro, e o cabôclo, em que se apagam, mais depressa ainda, os traços característicos do aborigene." Refere-se aos largos devaneios de outros que se excedem em ampliar a influencia do cabôclo, e "arquitétam fantazias que caem ao mais breve choque da critica".

E, afinal, observa que outros vão terra a terra demais, no exagêro da influencia do africano, capaz, com efeito, de reagir em muitos pontos contra a absorção da raça superior. Surge o mulato. Proclamam-no o mais característico tipo de nossa subcategoria étnica".

Ao terminar as suas luminosas e logicas considerações sobre as multiformes e dubias derivações do assunto em apreço, Euclides da Cunha dá, então, o depoimento de sua cultura e de seu pleno conhecimento de causa, dizendo "acreditar que isto succede porque o escôpo essencial destas investigações se tem reduzido á pesquisa de um tipo étnico unico, quando ha, certo, muitos".

E proclama, em tom categorico, que "não temos unidade de raça, e não a teremos talvez nunca, porque nos predestinamos á formação de uma raça historica, em futuro remoto, si o permitir dilatado tempo de vida nacional autonoma, uma vês que invertemos sob este aspêto, a ordem natural dos fatos — a nossa evolução biologica reclama a garantia da evolução social."

Euclides passa, daí, a falar como um proféta, decretando que "estamos condenados á civilização; ou progredimos, ou desaparecemos, e declara, peremptoriamente, que "a afirmativa é segura".

Em suas proposições de humanismo verdadeiramente brasileiro, Euclides faz ressaltar, partindo do principio axiomático de que “o meio não fórma as raças”, que “no nosso caso especial variou demais nos diversos pontos do territorio as dosagens de três elementos essenciais, preparando o advento de sub-raças diferentes, pela propria diversidade das condições de adaptação”. E’ que Euclides considera, escudado em suas capacidades extraordinarias de estudioso e de observador profundo, que “para essas reações biologicas complexas, o meio tem agentes mais energicos que para as reações quimicas da materia”. E justifica-se afirmando que “ao calor e á luz, que se exercitam em ambas essas reações, adicionam-se, então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa ação de presença inegavel, essa especie de fôrça catalitica misteriosa que difundem os varios aspétos da natureza”. E conclue com esta admiravel sintese de que “entre nós a intensidade destes ultimos está longe da uniformidade proclamada, pois distribuíram, como o indica a historia, de modo diverso as nossas camadas étnicas, originando uma mestiçagem dissimil, de modo que não ha um tipo antropologico brasileiro”.

Não é porisso, entretanto, que Euclides deixa de afirmar, mais adiante, no seu livro, que, sob os varios aspétos das tradições, dos caracteres físicos e morais, estes traduzidos nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes, ha “uma uniformidade impressionadora no sertanejo do norte que é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída”.

E assume proporções admiraveis no seu estudo, a essas alturas de “Os Sertões”, das origens e dos caracteres existenciais do sertanejo do norte, procurando destacar, fundamentalmente, a mestiçagem dos sertões da do litoral, através de suas “formações distintas, sinão pelos elementos, pelas condições de meio”.

Para ele, estribando-se nas mais

indiscutíveis razões de ordem geral, “o sertanejo é um retrogrado; não é um degenerado. Por isto mesmo que as vicissitudes historicas o libertaram, na fase delicadissima da sua formação, das exigencias de uma cultura de emprestimo, prepararam-no para a conquistar um dia”.

O humanismo de Euclides chega, então ao seu ponto culminante, relativamente ao fenomeno étnico brasileiro, numa extraordinaria percepção ou intuição de sua realidade imensa, ao considerar que “a evolução psiquica do sertanejo do norte, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte, pois aquela raça cruzada surge autonoma e, de algum modo, original, transfigurando pela propria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada afinal da existencia selvagem, pôde alcançar a vida civilizada por isto mesmo que não a atingiu de repente”.

E ele fixa admiravelmente a distinção do tipo étnico brasileiro, caracterizado no homem dos sertões, registando que “ao envés da inversão que se observa nas cidades do litoral, onde funções altamente complexas se impõem a órgãos mal constituídos, comprimindo-os e atrofiando-os antes do pleno desenvolvimento, — nos sertões a integridade organica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque á solida base física do desenvolvimeto moral ulterior.”

Afinal, dentro dessas observações profundas e sábias, Euclides entra a fazer a apologia cabal e calorosa do sertanejo que “é, antes de tudo, um forte, não tendo o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastenicos do litoral.” Nesse capitulo de “Os Sertões” é, com efeito, onde o genio humanista de Euclides da Cunha se manifesta totalmente, esplendidamente e, sobretudo, brasileiramente.

Sim. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte...”

O ativo disponivel do povo brasileiro é formidavel — sem duvida — mas a quanto monta? O Recenseamento nada mais é do que uma contagem do capital nacional, representado pelo proprio povo, pelas casas commerciaes, pelas fabricas, pelos bancos, pelas escolas, pelas estradas de ferro, pelas explorações agricolas pelas profissões e por tudo que traduz o labor deste grande País.

# "YES, NÓS TEMOS PETROLEO..."

O petroleo está na ordem do dia.

Depois que no Lobato jorrou o "ouro negro", muito se tem falado e discutido.

A principio foi aquela surpresa, aquela incredulidade, de todos os brasileiros, ou de quasi todos, auto-sugestionados por um complexo de inferioridade, não acreditando na possibilidade da existencia de petroleo no Brasil, reservando-o tão somente para os paizes, "privilegiados" ...

Como nos parece longe, agora, o tempo em que o caso do escandalo do petroleo andava nos jornais, e que Monteiro Lobato denunciou ao Brasil, o caso do antigo Serviço Geologico Federal e da Celebre Lei Cipó, naquele seu portentoso livro, que ha de ficar como um documento de suma importancia na historia do petroleo brasileiro.

Vejamos porém, alguns fatos do petroleo bahiano:

Quem passasse em 1936, mais ou menos, pelo Lobato, teria a sua atenção despertada para uma taboleta pintada de branco, em que se lia: "MINAS DE PETROLEO DO LOBATO — DE OSCAR CORDEIRO".

E o viajante que por ali passava, de trem ou mesmo a pé, na maioria dos casos sorria, um sorrisinho ironico e respondia ao companheiro, que com o dedo apontado para a taboleta perguntava o que era aquilo.

— São as minas de petroleo

do Cordeiro. Bom rapaz, coitado, porém tem a mania de encontrar petroleo. Já enterrou ali um bom dinheiro.

E o companheiro, quando não era "entendido" no assunto, limitava-se a dizer, entre dois sorrisos e um suspiro de comiserção:

Petroleo no Brasil! É boa!. Aqui só dá amarelão e impaludismo! Coitado do tal Cordeiro! Deixemo-lo. Cada louco tem a sua mania.

Quando porém o homem era ilustrado, ou com fumaças de sabichão, começava logo:

— De acordo com a nossa formação geologica ...

E aí por diante era uma verdadeira enxurrada de termos tecnicos, de palavras dificeis, complicadas:

— Porque o Paleozoico ... No cretaceo ... O Pleistoceno e o Permiano ... A Era Cenozoica e etc, etc, etc ...

O interlocutor ia arregalando os olhos, abrindo a boca, só de admiração, e muito embora não tivesse entendido patavina daquelles nomes complicados, acabava concordando.

E depois que ouvia tudo aquilo, ele que em 99 dos casos era descrente quanto á existencia do petroleo no Brasil, acabava convencido, convencidissimo, que tinha razão de descrer, que o outro que lhe falara em tanta coisa dificil era um bicho em Geologia, petroleo e o diabo, en-

fim, e que finalmente petroleo no Brasil era Historia da Carochinha.

E saía dali crente de que o Cordeiro ou outro qualquer que acreditasse na existencia do petroleo aqui, era uma besta, um louco, louco varrido, que estava a merecer a internação no Hospicio S. João de Deus!...

E vamos repetir a outro paciente o que tinha ouvido.

Se ao contrario o interlocutor acreditava no petroleo do Brasil e esboçava um começo de protesto:

— Mas Monteiro Lobato no seu livro... Ou então: O caso de Alagôas...

Aí então o caso mudava de figura e o sujeito gritava, xingava, berrava e no fim lá vinha a mesma coisa:

— Todos são loucos, loucos varridos! Será que você também está no meio, rapaz?

E o camarada para não ser taxado de louco, visionario e outras coisas que taes, calava e nunca mais tocava no assunto.

Mas, passaram-se os mezes e a questão do petroleo ia ficando esquecida, sem que ninguem se lembrasse mais dela, muito embora algumas vezes os jornaes por falta de noticias estampassem noticias espalhafatosas:

"Indicios cada vez mais fortes de Petroleo"... "Breve tere-mos o nosso Petroleo"... "O Snr. Fulano de tal fala sobre a questão do Petroleo no Brasil"...

E enquanto isso o Snr. Oscar Cordeiro, o louco, firme na sua idea, pesquisava, e perfurava, lentamente, é verdade, porém perfurava. E de quando em vez, para quebrar a monotonia uma carta ameaçadora, intimando-lhe a não

prosseguir na "loucura". Cartas anonimas, é claro...

Mas o homenzinho era teimoso, e um belo dia do ano passado-precisamente 21 de Janeiro S. Excia. O Snr. Petroleo Brasileiro dignou-se a aparecer!

Foi uma bomba!

Houve á principio uma mistura de sentimentos: incredulidade e orgulho.

Depois foi um verdadeiro furor, "furor petrolifero".

Telegramas foram expedidos para todo o Brasil; os jornaes dedicaram paginas e paginas ao assunto, com fotografias etc. O Snr. Oscar Cordeiro foi aclamado parecendo que já não se cuidava do seu internamento no hospital de Alienados.

As "rãs" dando expansão ao seu "excessivo pendor musical" começaram a cantar.

È entrevistas foram dadas. O assunto do dia em toda a cidade e talvez, em todo o Brasil, era o petroleo.

Todos queriam visitar o poço do Lobato, e era com orgulho que sujavam as mãos de petroleo para depois serem fotografados.

Nas esquinas começou-se a falar em "folhelos", e mais "folhelos"...

O governo declarou o poço de propriedade Nacional, e mandou policias para protegelo.

Os descrentes de antigamente, que viviam discursando, demonstrando a impossibilidade da existencia do petroleo no Brasil, tornaram-se os maiores propagandistas do oleo, juram por todos os Santos que sempre acreditaram na sua existencia no Brasil. E tome conversa mole!

E hoje, o Brasil que só dava verminoses e impaludismo, que

# TECNICA DE INFORMAÇÃO

Por ANTONIO MARQUES JUNIOR

(De "O DIABO")

Para que o publico esteja ao corrente do que se passa por esse mundo afora, existem os jornais e o radio.

Para fornecer material a estas organizações, existem as agencias — Havas, United-Press, Exchange Telegraph, Associated Press, D. N. B., Americana, etc.

O publico leitor dos diarios divide-se em dois grupos: o dos permanentes e o dos temporarios. O primeiro grupo é bastante grande, mas a maior parte dos lucros provem dos da massa dos leitores temporarios, daqueles que só desembolsam \$300 quando lhes parece haver coisa interessante. Os diarios, portanto, procuram ter sempre uma informação boa e larga. Diga-se já, para evitar mal-entendidos, que informação boa (jornalisticamente) não quer dizer informação honesta, verdadeira.

As agências, para vender os seus telegramas, precisam andar constantemente á cata de informações interessantes e, se possivel, sensacionaes. Alem disso, estão ligadas a certos meios dos

era indigno de possuir um poço-sinho, possui petroleo.

O que nos acontecerá agora?

Técnicos estrangeiros já foram contratados para dirigir os trabalhos.

Uma pergunta surge, teimosa, em nosso espirito, logo acompanhada de outras:

— Que fará a Standard Oil?

— E a Shell?

— E Rockefeller e Deterding

como se comportarão?

Aguardemos.

Aguardemos, e enquanto isso, cantemos alto, bem alto mesmo, para que aqueles que julgam o Brasil um pais selvagem que só produz bananas, e que julgam que o direito de propriedade não existe, cantemos para que eles ouçam, estupefactos:

"YES, NÓS TEMOS PETROLEO"

paizes de origem... e outros. Estas ligações têm um grande peso na orientação das agencias, que se pode inclinar para a direita ou para a esquerda, para A ou para B.

Resulta de tudo, que a agencia deforma conscientemente os fatos. Essa deformação é espalhada ás dezenas e centenas de milhares de exemplares — impressionando, desviando o publico.

Os interesses das agências, ou, mais particularmente, desta ou daquela agência, são tambem os interesses dos órgãos de imprensa que habitualmente servem.

O jornal, muitas vezes, agrava a deformação com comentarios, artigos de fundo e *correspondencias especiais* — afim de convencer os leitores mais dificeis (a repetição, a insistencia é uma lei da publicidade comercial. Porque não o seria da publicidade extra comercial?).

As informações não fazem mais do que refletir a anarquia moral desta epoca. Exagera-se, diminui-se, disfarça-se, insiste-se, calunia-se, bajula-se por encomenda e de acôrdo com os patrões (hoje um, amanhã outro, mas todos da mesma raça, embora de cartazes diferentes).

A pobre da opinião publica é escarnecida com a maior tranquilidade. Porque a opinião publica não passa, a mais das vezes, de um reflexo do que vem dos jornais. A opinião feita. Claro que reage e influe — nega-lo seria contra-dialetico — mas essa reação e essa influencia são condicionadas pelo trabalho de desagregação e deformação anteriores.

Em vista do que atrás fica, tem-se uma idéa do papel que cabe á imprensa honesta, que procura outras fontes de informação, e só fala nas coisas depois de as haver estudado.

Para bem servir, as agências adotam um certo numero de regras:

1.º Nunca pôr em causa personagens poderosas.

2.º Passar em silencio os acontecimentos desagradaveis aos comanditarios.

3.º Convencer o publico da autenticidade de telegramas forjados na séde e que levam a mensão de um falso

ponto de partida, perto do objetivo. (ex: Amsterdão, Zurich, Riga).

4.º Ganhar a confiança do público na sua imparcialidade, informando dos lados opostos X e Y. Empregam-se vários truques como: informação mais extensa de um lado do que doutro; notícias fantásticas; exagêro de vitórias de um lado, diminuição do alcance das vitórias do outro; comentários tendenciosos.

5.º Dar uma notícia provinda de uma certa fonte e confirmá-la por outra da mesma fonte!

Ex: A queixa-se de B, acusando-o de roubo. Imediatamente um juiz toma conta do caso e procede da seguinte maneira: não se interessa por provas ou testemunhos, e manda chamar o réu. Logo que este chega, o juiz o interroga: "Reconhece-se culpado?". O réu B, é claro, responde que não.

Após isso, o juiz suspende a instrução do processo por 24 horas. Passado o prazo, o réu é novamente interrogado, responde novamente com uma negativa, e pronto. *Confirma-se que estava inocente!*

6.º Quando uma agência, por exemplo, a U. P., reconhece que se salientou pelo sentido único de seus telegramas, que faz? Publica em dias seguidos uma série de pequenas notícias em oposição direta ao que disseram até então.

Os desconfiados mais ingenuos dirão: afinal a agência tanto informa um lado como doutro, tanto dá boas como más notícias — e a sua reputação cresce.

7.º Fundar o seu procedimento na psicologia do público que lê. Quando as agências se empenham na defesa de uma certa causa (elas lá têm "suas" razões) é ver qual tem mais engenho. Grandes títulos, palavras muito sonoras, frases inchadas e meia dúzia de fatos perdidos neste mar de palavras (aplica-se tal qual aos jornais).

8.º Os escrúpulos são empecilhos que convem afastar do caminho. Trata-se de chegar, não se trata de saber como.

Não admira que a mistificação chegue a ser tremenda de disfarce e de agudeza, quando se siga à risca as regras mencionadas e se tenha um pouco de imaginação.

O caso verdadeiro que passo a contar, bem o mostra.

As nações B e V estão em guerra. As agências tomam o partido de B e relatam as grandes vitórias alcançadas pelo seu bravo exército, o seu povo he-

roico, os seus grandes generais. O inimigo é cruel, selvagem, bárbaro e todo um monte de adjetivos esmagadores.

Apesar de tudo (incluindo a fome, a desorganização, a desmoralização, as revoltas na retaguarda) a nação V consegue vitórias tais que, embora se tente, já não podem ser disfarçadas.

Que fazem nesta altura as agências defensoras da nação B, para desacreditar a vitória da nação V? *Exageram a sua importância, aumentam o alcance do exílio conseguido, mantêm durante dias as suas afirmações.* O público vê que não há meio de acontecer o que os informadores predizem, e pensa com seus botões: Olha a grande vitória! Estão a que tempo para tomar tal terra e não conseguem.

E assim se leva a água ao moinho...

O pior é haver tantas agências e tamanha febre de enviar notícias vivinhas. O choque torna-se inevitável, e as notícias variam enormemente conforme são da agência A, da B e C. No meio do barulho a mesma agência chega a afirmar de Estocolmo o que nega em Belgrado, ou vice-versa, repete o que desmentiu dias atrás, diz uma coisa na 1.ª metade dum telegrama e outra coisa na 2.ª metade do mesmo telegrama.

Os jornais agravam o mal, chegando a publicar telegramas que dizem assim com um título que diz assado. Porque ha leitores apressados que só lêem os títulos...

Em conclusão: é preciso saber ler os jornais, isto é, torna-se necessário: a) comparar as notícias; b) consultar, quando possível, outras fontes de informação; c) não perder de vista os interesses em jogo.

Ler é exercitar o espírito crítico; é, ou deve ser.

### O Livro Ocidental na China

As revoluções e as guerras destes últimos anos estão arrancando a China de seu sonho de opio. Muitos dos sucessos europeus, são ali justamente apreciados e existe verdadeiro interesse pelos livros europeus que são lidos com avidês crescente. Ha dez anos a tradução de "Sem novidade no front", de Remarque, alcançou um êxito extraordinário. Naquela época como agora, interessava aos leitores tudo que se escrevia sobre a guerra.

Ultimamente foram vertidos para o chinês varias obras europeas de êxito, entre elas "Inside Europe", por Jonh Gunther, "Red Star Over China", por Edgard Snow e outras. Os livros de Pearl Buck alcançaram já grandes tiragens. Os chineses sentem grande afecção por esta escritora e crêm que estão aprendendo a conhecer eles mesmos através da grande autora. "O Patriota" obteve uma vendagem extraordinária e é, sem duvida, a obra destes últimos tempos mais apreciada pelos leitores orientais.

# COMO SE TRABALHA NUMA FABRICA JAPONÊSA

KURT KLABER (Regard — de Paris)

Numerosos agentes das fabricas de seda recorrem continuamente ao campo japonês para persuadir os camponeses a contratar suas filhas por cinco anos para as fabricas, onde as operarias trabalham 16 horas por dia.

Os camponeses que vivem nas redondezas de Kawakasi são muito pobres, como em verdade o são quasi todos os camponeses japoneses. O preço do arroz que cultivam baixa de ano a ano, enquanto o custo da vida sobe sem cessar. Todos os anos os agentes das grandes fabricas de seda de Kawakasi vão aos camponeses e lhes perguntam: "Não tem você uma filha?"

O camponês é desconfiado por natureza, como todos os camponeses do mundo, e acontece que não responde imediatamente. O agente continua: "Necessitamos fiadeiras de seda e pagamos 80 yens (8 £ esterlinas, valor nominal) por cada moça".

Oitenta yens! Para o pae isso sôa como uma fortuna. Ademais, ver a grande cidade de Kawakasi é o sonho dourado de todo camponês, que provavelmente nunca pode sair da aldeiola onde nasceu.

"Oitenta yens disse você? E a moça pode ir á cidade?"

"Perfeitamente", réplica o agente.

O pae pergunta com ansiedade:

"Que terá ela de fazer por esse dinheiro?"

A resposta é que terá de trabalhar na fabrica durante cinco

anos, e durante esse tempo, assegura o agente, terá comida, casa, vestido, além de cinco yens mensais. (5 shillings valor nominal).

O camponês cerra os olhos por um momento, atordoado por aquela ofuscadora perspectiva. Oitenta yens e cinco yens mensais! Recusar seria contrariar aos deuses. Não consulta a sua filha se aquilo quadra com os seus projetos, porque as filhas japonezas obedecem cegamente aos seus paes. E o agente leva a moça.

A's vezes se contrata moças mais baratas. Na primavera, por exemplo, os agentes passam pelas aldeias perguntando: "necessita você por acaso, de uma enxada, um kimono ou chá"? O camponês compra algumas coisas, sempre a credito. Si é um ano mau—o que ocorre com frequencia—o agente regressa depois da colheita e exige o pagamento. O dinheiro ou a moça. E assim o camponês entrega com frequencia a sua filha.

Quanto ás moças das aldeias, elas se encantam com a idéa de ir a Kawakasi. A perspectiva de um trabalho rude não as atemoriza, porque o que poderá haver de mais duro do que a vida que levam no campo? Desde a idade de cinco anos estão acostumadas a trabalhar todo o dia no campo semeando arroz na terra humida, com agua até aos joelhos. Mais tarde ajudam a seus paes na regação e na colheita. Trabalham dezesseis horas por dia. Sua alimentação consiste em uma chicara de chá pela manhã, uma turrina

de arroz ao meio-dia e outra á noite.

Os agentes sabem disto e porisso descrevem a vida da cidade com as côres mais atrativas. "Kawakasi é uma bela cidade. Nela ha cinemas, teatros, soldados com uniformes vistosos. "Extende deante das mocinhas vestes de côres brilhantes que se fazem nas fabricas e lhes permitem envolver-se nas suntuosas sedas e olhar-se ao espelho. Oh, sim! Sentem-se muito contentes de poder ir á cidade aquelas mocinhas camponêsas.

Finalmente chegam á cidade. Que desilusão! A unica coisa que vêm em Kawakasi é a estação e as poucas ruas que atravessa o vagão da companhia rumo á fabrica. Esta é como uma prisão enorme. Quando as portas se cerram atraz delas nada poderá tiralas dali antes que se cumpra o tempo pactuado, a não ser a morte. Em primeiro lugar as levam á officina onde lhes tomam as chefas e lhes dizem os salarios que vão ganhar. Logo, as conduzem a um dormitorio onde as janelas são guardadas por fortes barras. Ali, durante cinco anos, passarão suas vigílias e noites. Duzentas moças vivem e dormem nesses salões. Suas camas são o solo; não ha cobertores, e uns pequenos pedaços de madeira lhes servem de travesseiros. As unicas posses das moças, enquanto estão na fabrica, são as roupas que vestem, e estas elas não tiram dia e noite até que se façam em trapos. Só então lhes dão vestidos novos.

Na manhã seguinte começa o que o agente chamara de uma vida nova para a camponêsa. São asperamente despertadas ás 4 da manhã, tão cêdo como nunca se levantaram

no campo. No refeitório se lhes dá uma mesquinha comida, consistindo em caldo aguado e uns pedaços de nabo que terá a mesma durante todos os dias, exceto nos dias de festa em que a sopa é um pouco melhor. Logo, as levam á fabrica, porem ahi não veem o que os agentes lhes prometeram. Onde estão as sedas verdes, azues e vermelhas que deleitaram suas vistas? Obrigam as moças a carregar pesadas cargas, a lavar, a limpar e a fazer todos os trabalhos pesados. Transcorre um mês até antes que lhes permitam aproximar-se dos teares.

O trabalho nos teares tambem é duro. As pesadas lançadeiras dançam ante seus olhos cansados. Os fios se rompem entre as suas mãos inexperientes e é preciso ata-los. Os capatazes não cessam de vigia-las. Quando as moças se acostumam com os teares põhem a seu cuidado um segundo e até um terceiro.

Transcorrem os dias e as semanas monotonamente. Ao meio dia apenas lhes dão tempo para comer. Enquanto um grupo come pressuroso alguns bocados, o outro cuida dos teares que nunca se param. A' noite, extenuadas de fadiga, caem em seus leitos. Por fim, se dão conta de que foram enganadas. A maioria delas pensa no moço que deixou na aldeia e chora amargamente em silencio. Porem a vida se torna cada dia mais dura e a meudo uma moça rompe a cabeça contra as grades da janela com a impotente raiva de um animal enjaulado.

---

O Serviço Nacional de Recenseamento aceita a sua critica, mas pede a sua cooperação. Coopere primeiro, critique depois. Critique construtivamente, cooperando.

# BOLSA DE MERCADORIAS E VALORES DA BAHIA

NO INTUITO DE INTENSIFICAR A EXPLORAÇÃO DO  
SOLO E SUB-SOLO DO ESTADO DA BAHIA,

A BOLSA MANTEM UM COMPLETO SERVIÇO DE  
CLASSIFICAÇÃO E ANALISES QUIMICAS NÃO SÓ DOS  
PRODUTOS AGRICOLAS COMO ESPECIALMENTE  
DE MINERIOS E MINERAES

TODOS OS SERVIÇOS SÃO GRATUITOS

E com direito a serem divulgados pelo departamento  
de publicidade mantido pela Bolsa

## Instituto Central de Fomento Econômico da Bahia

(I. C. F. E. B.)

Organização autárquica creada pelas Leis Estaduais ns. 59 e 102, de 1935 e Decréto n. 10.132 (Estatutos) publicado no "Diário Oficial" da Bahia, de 16 de Março de 1937. Autorizado a funcionar pelo Decréto Federal n. 1.661, de 19 de Maio de 1937 e Carta Patente n. 1.516.

Opéra em crédito agrícola a curto e médio prazo, penhor rural nos prazos legais e hipotecário a longo prazo. Fomento rural e industrial, consignações e fornecimentos.

RECURSOS:	Capital Realizado . . . . .	13.430:000\$000
	Reservas . . . . .	778:000\$000

Aceita depositos a Prazo Fixo, rendendo juros líquidos de 6% ao ano com retirada imediata do juro vencido em cada mês

PRAÇA DA INGLATERRA — End. Teleg.: ICFEB — Caixa Postal, 68 — Código Usado: MASCOTE, 2ª Edição  
TELEFONIO 5390 BAHIA

# L I V R O S

"O Patriota" — PEARL S. BUCK — Tradução de Esther Viveiros.

Deixando o cenário americano, que reclamou recentemente a sua atenção, Pearl S. Buck, no seu novo romance, retornou ao povo e ao fundo de quadro que ela conhece com uma familiaridade tão profunda e tão pessoal. "O Patriota" (The Patriot), que a Livraria do Globo acaba de editar em magnífica e bem cuidada tradução de Esther de Viveiros, é um romance sobre a atual invasão japonesa na China no qual a autora, encaminhando a ação para esse sentido, trata da China e do Japão durante os últimos doze anos — um romance de guerra de notável atualidade. Mas não é um romance de tese. É uma história de criaturas humanas — de paixões humanas de valor, de paciência e de força. Deve ter sido escrito sob uma alta pressão, sob o aguilhão de um sentimento intenso; contudo, a sua intensidade não é de amargura e odio, mas de discernimento e de compaixão.

Neste seu primeiro romance depois que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, Pearl S. Buck pôs uma intensidade progressiva, uma fusão de patriotismo, unidade dramática e grandeza épica de resistência dentro de uma simpática história humana que os próprios românticos poderão apreciar a fundo. "O Patriota" é genuinamente uma história de amor até o fim, como é um capítulo agitado e portentoso da história contemporânea; e não há um momento sequer em que, quer em beleza quer em força, não seja vivido, emocionante e expressivo. Mas a excelência do romance está em toda a sua simples projeção de uma complicada realidade humana: aqui o povo vive as suas vidas, em pequeninas e grandes coisas, na paz e na guerra. É Pearl S. Buck, que viveu no Japão como na China, e que pode levar os seus leitores a sentirem os pontos agudos de diferença entre os dois povos tem compreensão e delicadezas, como sempre, pelas complexidades e contradições da natureza humana.

É grande e puro este realismo que, com arte segura, pode pôr de parte todas as imagens cruas do odio de tempo de guerra, e trazer os homens e as mulheres da China e do Japão para a

vida inesquecível. Nesse realismo está o tema integral e eterno deste romance nobremente equilibrado e sensato. Não é porque os japoneses sejam maus que os chineses devem continuar sempre lutando, contra os atacantes; não é porque seu próprio país seja perfeito: é — como uma moça camponesa da França disse, quando salvou sua terra do invasor há quinhentos anos — é porque é deles.

"A Esperança" — ANDRÉ MALRAUX — Romance — Editora Guatira Limitada.

Nesta obra, o grande romancista francês reafirma o escritor poderoso dos seus livros anteriores. "A Esperança" é uma reportagem sobre a guerra civil espanhola; reportagem, e ao mesmo tempo, a dramatização daqueles instantes medonhos. O autor tomou parte nos acontecimentos, organizou e dirigiu, ele próprio, a primeira força aérea republicana. Assim, "A Esperança" é um novo gênero, e simultaneamente, um fiel retrato da atuação das forças legalistas na guerra civil e a narrativa de uma dezena de protagonistas reais que aí lutaram. Vivida observação jornalística e também vivida capacidade de narração e criação.

E, como tal, demonstra nitidamente a teoria da ficção de Malraux: — que as verdadeiras notícias do mundo moderno podem ser relatadas melhor em novelas do que em jornais; e que os romancistas, si querem salvaguardar sua arte da puerilidade, devem lutar pelas suas crenças, participando dos acontecimentos e, nos intervalos das batalhas, anotando imediatamente o que realmente viram.

"Caçadores de Microbios" — PAUL DE KRUIF — Tradução de Mauricio de Medeiros.

Revelando na caça dos infinitamente pequenos um esporte tão fascinante quanto o de matar feras nas verdoengas penumbrias de uma floresta africana, Paul de Kruif realiza belo trabalho de divulgação científica com CAÇADORES DE MICROBIOS — (Livraria José Olympio Editora, Rio, 1940) — traduzido para a nossa língua por Mauricio de Medeiros.

Misturando biografias de sábios à história das suas descobertas, fornece, para a idolatria do leitor, novos nomes à reverência da memória. Benfeitores, apa-

# N O V O S

nhados ao vivo, com seus aventais sujos do sangue de cobaias ha pouco sacrificadas na busca de sôros e vacinas contra doenças, medicos abnegados e crentes, pesquisadores incansaveis, são os seus herois. Prodigiosos, no esforço de dotarem o mundo de inéditos meios de defesa organica contra as traições de germen nefasto. Impressionantes, na capacidade de resistencia á derrota, na fortaleza de espirito patenteada a cada vez que um fracasso faz ruir uma piramide de esperanças.

Como no seu trabalho anterior, o escritor norte americano é original e agil na sua maneira de evocar esses paquidermes da bacteriologia. Pingando gotas de ironia aqui e ali, amenizando com passagens pitorescas dissertação que ameaça tornar-se árida, não ha quem resista aos atrativos da sua prosa. Talvez até se possa considera-lo pouco científico, por isso ...

Esboçando em traços caricaturais a cara nervosa de determinado biografo, feio que nem um marabú em extase, como se o recorte da fisionomia tivesse influência capltal na atividade desenvolviva, não omite a revolta intima de outros, característica como a do rio que sente pela primeira vez sobre o dorso a curva de um barco ...

Alguns dos escolhidos têm nomes consagrados pela humanidade. Os mais são desconhecidos, como o holandez que, á força de polir lentes e espiar através delas, iniciou a microbiologia. Kock, desconfiado como um indio, a experimentar todas as hipoteses com medo de errar, anda ao lado do homem dos fagocitos, do russo idealista, meio charlatão, que se chamou Metchnikoff.

O padre ateu Spallanzani tem capítulo inteiro, enquanto Roux, Bhering se apertam dentro de um e Pasteur dentro de dois, deixando de fóra assunto para debates ineterminos. Americanos, descobrindo no carrapato o portador da febre do Texas, e dando passos decisivos para dominar a febre amarela, forçam a entrada.

Irreverente, dando a seus grandes homens suas manias e respeitando de cada um as atitudes assumidas, na aventura humana, Kruif faz obra de divulgação pouco comum, na sua simplicidade.

(Tulo Hostilio Montenegro)

"A Vida de Nijinsky" — ROMOLA NIJINSKY — Tradução de Gastão Cruls.

A vida de Nijinsky, contada por sua mulher Romola Nijinsky, é mais um volume da serie sensacional que a Livraria José Olimpio lançou em nosso mercado de livros, recentemente. A tradução é do Snr. Gastão Cruls, o quer dizer que é cuidada e de bom gosto, como o é tambem a apresentação geral do livro e, em particular, a capa e o desenho da lombada, feitos, pelo Snr. Santa Rosa.

Nijinsky é um "momento" da sensibilidade universal, como Zola teria sido, na frase celebre, um momento da consciencia do mundo. Os bailados russos que ele elevou ao grau mais alto, são um ponto de encontro de todas as influencias espirituaes que agitavam a sociedade européla nas madrugadas das guerras de 14, enquanto amadureciam para a morte aqueles que a metralhadora iriam ceifar. Os bailados reúnem as forças da pintura moderna como reúnem as da musica, na presença de grandes públicos sequiosos de novidade, mas cheios tambem de tradições e requintes. Parece que os bailados conseguiram harmonizar essas duas tendencias da geração entendida e sibarita que enchia os salões luxuosos dos anos de 1909 ou 1912. Daí, o êxito: realizavam um ajustamento cuja ausencia fazia mal á sensibilidade, colocavam a velha beleza centro de quadros novos, conciliavam o que era espetaculoso com a simples e eterna graça.

Até os problemas Moraes da sociedade desse tempo se refletiam concretamente em certas intimidades escabrosas do bailado.

Foi um "momento" — no duplo sentido de assinalar qualquer coisa e de passar depressa.

A sua vida foi escrita com uma arte segura e equilibrada, sendo curioso que a tenha feito tão bem feita quem deveria ser uma simples bailarina apaixonada ... O snr. Gastão Cruls fala num sentimento de revolta contra o destino e contra a autora, ao passo que Claudel termina o seu prefacio falando em piedade e oração deante da vida de Nijinsky.

(Luiz Delgado)



...cioso de seu jardim, não poupa esforços para ve-lo florescente e bello.

Nesta nossa cidade, — diz o Snr. Kilowatt, seu criado electrico — tenho as mesmas responsabilidades de um jardineiro. É um grande canteiro entregue aos meus cuidados. Cada residencia, cada rua ou cada industria, necessita deste seu prestativo "jardineiro" que — não desmerecendo aos demais collegas — trabalha tantas horas quantas forem exigidas, de noite ou de dia, ao sol ou á chuva.

# FABRICA SÃO PAULO (CORTUME)

Fundada no anno de 1925

— ALAGOINHAS —

Estado da Bahia

PROPRIETARIOS

Moraes,  
Pereira & Cia

End. Telegr. "FERCOSTA"

Compradores de couros verdes, salgados, seccos, espichados e cascas de angico.

— FABRICANTES DE —

Sollas para sapateiros, correeiros e selleiros - Raspas para tamanqueiros, maleiros e selleiros - Vaquetas ao Chromo - Vaquetas Chromadas - Vaquetas Semi-Naco - Vaquetas ao Tannino - Vaquetas Envernizadas - Raspas Envernizadas - Buffalo - Pelicas - Camurças - Carneiras.

PEÇAM AMOSTRAS -  
SOLICITEM PREÇOS

Escriptorio Central e deposito:

Rua Campos Salles, 8

Tel. 4 0 7 9

|| Cidade do Salvador - BAHIA

Representações nos  
principaes Estados  
do País.

# "SEIVA" SOLICITA INTERCAMBIO CULTURAL

Libros, publicações, periodicos, topicos, comentarios, y enfin, toda clase de colaboracion que refleje y exprese maturamente el pensamiento americano tendrán acojida fraternal en esta revista.

A todos aquellos amigos y compañeros que nos quieran distinguir con sus colaboraciones les enviaremos gratis nuestros ejemplares. Hacemos extensivo esto a todos nuestros hermanos de America y del Extranjero.

SEIVA, es un trabajo de los americanos del Brasil.

*Procure desenvolver sua cultura lendo SEIVA.*

*SEIVA lhe dará todos os meses um informe da vida economica, politica e cultural das Americas e do mundo.*

*SEIVA é uma revista do Brasil para as Americas.*

*Empreste um pouco do seu esforço ao nosso e contribúa, assim, para a maior divulgação da cultura.*

*Faça uma assinatura anual de SEIVA.*

PREÇOS:	⎧	Capital. . . . .	15\$000
		Interior e Estados (sob registro) . . . . .	19\$000
		Exterior . . . . .	25\$000

**NOTA:** Livros, revistas, impressos, jornais, etc. que nos forem enviados, serão registrados na seção especial, com comentarios.



# CAIXA ECONOMICA FEDERAL DA BAHIA

---

- É o cofre das economias populares.
- É o mais seguro caminho para a circulação da riqueza nacional.
- É quem melhor financia construções e o mais autorizado propulsor da casa própria.
- É quem melhor assegura a reserva econômica.
- É o Instituto que oferece recursos em condições mais favoráveis.
- É quem tanto opera a curto como a longo prazo.
- É o único estabelecimento a quem a lei permite fazer empréstimos sob penhores ou de monte socorro.
- É quem melhores vantagens oferece nas operações com garantia hipotecária ou anticrética.
- É quem faz empréstimos para casas proletárias construídas diretamente ou por intermédio de associações de caráter social sem fins especulativos.
- É quem realiza empréstimos especiais para residência econômica com prazo de 20 anos.
- É também de sua finalidade realizar, em condições vantajosas, para o comércio ou para a indústria, empréstimos em conta corrente garantida.
- É o estabelecimento de crédito preferido pelos Juizes e advogados.

PROCURA

## CAIXA ECONOMICA FEDERAL DA BAHIA

---

Dirija-se à sua Matriz ou às suas Filiais, Agências e Sucursais.

## A CAIXA ECONOMICA FEDERAL DA BAHIA

---

JA CONTA:

1.º — Depósitos e/ Juros e/ . . . . .	105.746:151\$100
2.º — Valores em circulação e/ . . . . .	60.661:964\$700
3.º — Valores disponíveis e/ . . . . .	44.321:696\$300